

Paulo Coelho

O Diário de um Mago

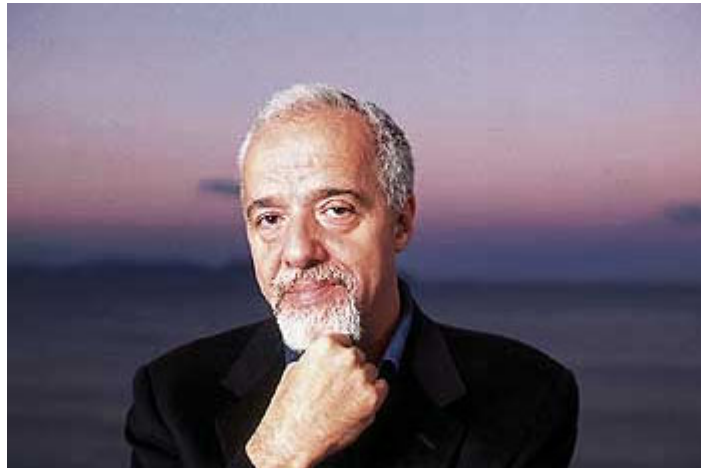


Foto: cortesia Istoé Gente

Edição especial de www.paulocoelho.com.br , venda proibida

Quinze anos depois...

Sentado em um jardim de uma cidade no sul da França.

Água mineral.

Café.

Temperatura de 27° C na tarde de 1 de junho 2001.

Pessoas que conversam, pessoas que caminham.

Pessoas que também tomam seu café e sua água mineral.

Então volto para uma tarde, um café, uma água mineral, pessoas conversando e caminhando – só que desta vez o cenário são as planícies de Leon, o idioma é espanhol, meu aniversário se aproxima, já saí de Sant Jean Pied-de-Port faz tempo, e estou pouco além da metade do caminho que conduz a Santiago de Compostela. Olho para adiante, a paisagem monótona, o guia que também toma o seu café num bar que parece ter surgido de lugar nenhum. Olho para trás, a mesma paisagem monótona, com a única diferença que a poeira do chão tem as marcas das solas de meus sapatos – mas isso é temporário, o vento as apagará antes que chegue a noite. Tudo me parece irreal. O que estou fazendo aqui? Esta pergunta continua me acompanhando, embora várias semanas já se tenham passado.

Estou procurando uma espada. Estou cumprindo um ritual de RAM, uma pequena ordem dentro da Igreja Católica, sem segredos ou mistérios além da tentativa de compreender a linguagem simbólica do mundo. Estou pensando que fui enganado, que a busca espiritual não passa de uma coisa sem sentido ou lógica, e que seria melhor estar no Brasil, cuidando do que eu sempre cuidava. Estou duvidando de minha sinceridade na busca espiritual – porque dá muito trabalho procurar um Deus que nunca se mostra, rezar nas horas certas, percorrer caminhos estranhos, ter disciplina, aceitar ordens que me parecem absurdas.

É isso: duvido da minha sinceridade. Por todos estes dias Petrus tem dito que o caminho é de todos, das pessoas comuns, o que me deixa muito decepcionado. Eu pensava que todo este esforço fosse me dar um lugar de destaque entre os poucos eleitos que se aproximam dos grandes arquétipos do universo. Eu pensava que ia finalmente descobrir que é verdade todas as histórias a respeito de governos secretos de sábios no Tibete, de porções mágicas capazes de provocar amor onde não existe atração, de rituais onde de repente as portas do Paraíso aparecem adiante.

Mas é exatamente o contrário que Petrus me diz: não existem eleitos. Todos são escolhidos, se ao invés de se perguntarem “o que estou fazendo aqui”, resolverem fazer qualquer coisa que desperte o entusiasmo no coração. É no trabalho com entusiasmo que está a porta do paraíso, o amor que transforma, a escolha que nos leva até Deus. É esse entusiasmo que nos conecta com O Espírito Santo, e não as centenas, milhares de leituras dos textos clássicos. É a vontade de acreditar que a vida é um milagre que permite que os milagres aconteçam, e não os chamados “rituais secretos” ou “ordens iniciáticas”. Enfim, é a decisão do homem de cumprir o seu destino que o faz ser realmente um homem – e não as teorias que ele desenvolve em torno do mistério da existência.

E aqui estou eu. Um pouco além do meio do caminho que me leva a Santiago de Compostela.

Nesta tarde em Leon, no longínquo ano de 1986, eu ainda não sei que daqui a seis ou sete meses irei escrever um livro sobre esta minha experiência, que já caminha por minha alma o pastor Santiago em busca de um tesouro, que uma mulher chamada Veronika prepara-se para ingerir algumas pílulas e tentar cometer suicídio, que Pilar chegará diante do rio Piedra e escreverá, chorando, o seu diário. Tudo que sei neste momento é estou tenso, nervoso, incapaz de conversar com Petrus, porque acabo de me dar conta de que não posso mais voltar a fazer o que vinha fazendo - mesmo que isso signifique abrir mão de um dinheiro razoável no final do mês, de uma certa estabilidade emocional, de um trabalho que já conheço e do qual domino algumas técnicas. Preciso mudar, seguir em direção ao meu sonho, um sonho que me parece infantil,

ridículo, impossível de ser realizado: tornar-me o escritor secretamente sempre desejei ser, mas que não tenho coragem de assumir.

Petrus termina de beber seu café, sua água mineral, pede que pague a despesa e que continuemos logo a andar, já que ainda faltam alguns quilômetros até a próxima cidade. As pessoas continuam passando e conversando, olhando com o canto dos olhos os dois peregrinos de meia-idade, pensando como há gente estranha neste mundo, sempre pronta a tentar reviver um passado que já está morto (*). A temperatura deve estar em torno de 27° C porque é o final da tarde, e eu me pergunto silenciosamente, pela milésima vez, o que estou fazendo ali.

Eu queria mudar? Acho que não, mas ao fim e ao cabo este caminho está me transformando. Eu queria conhecer os mistérios? Acho que sim, mas o caminho está me ensinando que não existem mistérios, que – como dizia Jesus Cristo – não há nada oculto que não tenha sido revelado. Enfim, tudo está acontecendo exatamente ao contrário do que eu esperava.

Nos levantamos, e começamos a andar em silêncio. Estou imerso em meus pensamentos, em minha insegurança, e Petrus deve estar pensando – imagino eu – no seu trabalho em Milão. Está aqui porque de alguma maneira foi obrigado pela tradição, mas possivelmente espera que esta caminhada termine logo, para que possa voltar a fazer o que gosta.

Andamos por quase todo o resto da tarde sem conversar nada. Ainda não existem telefones celulares, faxes, cartas eletrônicas. Estamos isolados em nossa convivência forçada. Santiago de Compostela está adiante, e não posso imaginar que este caminho me conduz não apenas à esta cidade, mas a muitas outras cidades do mundo.

Volto ao jardim na cidade do sul da França. Durante todos estes anos, tenho escutado todo tipo de comentário a respeito de minha peregrinação; desde que a fiz inteiramente de taxi (imagine o preço!) até que tive a ajuda secreta de algumas sociedades iniciáticas (imagine a confusão). O único documento que tenho do Caminho – como vemos no início do livro, a Mme. Debrill me pediu que devolvesse o carnet – é uma Compostelana, diploma de peregrino que me foi dado sem muito entusiasmo na Catedral, e preenchido por um auxiliar (que colocou meu nome em português, quando a tradição manda que seja em latim). É melhor deixar assim: como Petrus não precisava saber o que faria com minha espada, os leitores não precisam ter certeza se fiz ou não a peregrinação: desta maneira, buscarão a experiência pessoal, e não aquilo que eu vivi (ou não?).

Fiz a peregrinação apenas uma vez – e mesmo assim, não a fiz por completo; terminei no Cebreiro, e peguei um ônibus até Santiago de Compostela. Muitas vezes penso nesta ironia; o texto mais conhecido sobre o Caminho, neste final de milênio, foi escrito por alguém que nunca o fez até o final.

Vi pelo menos uma profecia ser cumprida; recentemente estive em Foncebadon, e a cidade está revivendo, com várias construções. Utilizei algumas metáforas em “O Diário de um Mago”, que terminaram sendo confundidas como realidade pelos leitores. Me arrependo de ter colocado parte do ritual do mensageiro, mas jamais mudei um livro depois de publicado, e este não seria a exceção.

Paulo Coelho
Jardim Massey, Tarbes, França, dia 1 de junho de 2001.

(*) no ano que fiz a peregrinação, apenas 400 pessoas tinham percorrido o Caminho de Santiago. No ano de 1999, segundo estatísticas não oficiais, 400 pessoas passavam – por dia – diante do bar mencionado no texto.

*Então lhe disseram: Senhor, eis aqui
duas espadas. E Ele respondeu: Basta.*

LUCAS, 22,38

Quando começamos a peregrinação, eu achei que havia realizado um dos maiores sonhos da minha juventude. Você era para mim o bruxo D. Juan, e eu revivia a saga de Castañeda em busca do extraordinário.

Mas você resistiu bravamente a todas as minhas tentativas de transformá-lo em herói. Isto tornou muito difícil nosso relacionamento, até que entendi que o Extraordinário reside no Caminho das Pessoas Comuns. Hoje em dia, esta compreensão é o que possuo de mais precioso na minha vida, me permite fazer qualquer coisa, e irá me acompanhar para sempre.

Por esta compreensão – que agora procuro dividir com outros – este livro vai dedicado a você, Petrus.

O AUTOR

PRÓLOGO

– E que, diante da Face Sagrada de RAM, você toque com suas mãos a Palavra da Vida, e receba tanta força que se torne testemunha dela até os Confins da Terra!

O Mestre levantou a minha nova espada para o alto, mantendo-a dentro da bainha. As chamas na fogueira crepitaram, um presságio favorável, indicando que o ritual devia seguir adiante. Então eu me abaixei e, com as mãos nuas, comecei a cavar a terra a minha frente.

Era a noite do dia 2 de janeiro de 1986, e nós estávamos no alto de uma das montanhas da Serra do Mar perto da formação conhecida como Agulhas Negras. Além de mim e de meu Mestre estavam também minha mulher, um discípulo meu, um guia local, e um representante da grande fraternidade que congregava as ordens esotéricas em todo o mundo, e que era conhecida pelo nome de Tradição. Todos os cinco – inclusive o guia, que já tinha sido avisado previamente do que iria acontecer – estavam participando de minha ordenação como Mestre da Ordem de RAM.

Terminei de escavar um buraco raso, mas comprido, no solo. Com toda solenidade toquei a terra, pronunciando as palavras rituais. Minha mulher então se aproximou e me entregou a espada que eu tinha utilizado por mais de dez anos, e que tinha me auxiliado tanto em centenas de Operações Mágicas durante aquele tempo. Eu depus a espada no buraco que havia feito. Depois, joguei a terra por cima e aplainei de novo o terreno. Enquanto fazia isto me lembrava das provas por que havia passado, das coisas que tinha conhecido e dos fenômenos que era capaz de provocar simplesmente porque eu tinha comigo aquela espada tão antiga e tão minha amiga. Agora ela ia ser devorada pela terra, o ferro de sua lâmina e a madeira de seu cabo servindo novamente de alimento para o local de onde havia tirado tanto Poder.

O Mestre se aproximou e colocou minha nova espada diante de mim, em cima do local onde eu havia enterrado a antiga. Todos então abriram os braços e o Mestre, utilizando seu Poder, fez com que em volta de nós se formasse uma espécie de luz estranha, que não clareava, mas que era visível, e fazia com que o vulto das pessoas tivesse uma cor diferente do amarelo projetado pela fogueira. Então, desembainhando sua própria espada, tocou nos meus ombros e na minha testa, enquanto dizia:

– Pelo Poder e pelo Amor de RAM, eu te nomeio Mestre e Cavaleiro da Ordem, hoje e para o resto dos dias desta tua vida. R de Rigor, A de Amor, M de Misericórdia; R de Regnum, A de Agnus, M de Mundi. Quando você tocar sua espada, que ela jamais fique muito tempo na bainha, porque há de enferrujar. Mas quando ela sair da bainha, que ela jamais volte sem antes haver feito um Bem, aberto um Caminho, ou bebido o sangue de um Inimigo.

E com a ponta de sua espada feriu levemente minha testa. A partir daquele momento eu não precisava mais ficar em silêncio. Não precisava esconder aquilo do que era capaz, nem ocultar os prodígios que havia aprendido a realizar no caminho da Tradição. A partir daquele momento eu era um Mago.

Estendi a mão para pegar minha nova espada, de aço que não se destrói e de madeira que a terra não consome, com seu punho preto e vermelho, e sua bainha preta. Porém, na hora que minhas mãos tocaram na bainha e que eu me preparava para trazê-la até mim, o Mestre deu um passo a frente e com toda a violência pisou nos meus dedos, fazendo com que eu gritasse de dor e largasse a espada.

Olhei para ele sem entender nada. A luz estranha havia sumido e o rosto do Mestre tinha agora a aparência fantasmagórica que as chamas da fogueira desenhavam.

Ele me olhou friamente, chamou minha mulher e lhe entregou a nova espada. Depois virou-se para mim e disse:

– Afasta sua mão que o ilude! Porque o caminho da Tradição não é o caminho dos poucos escolhidos, mas o caminho de todos os homens! E o Poder que você pensa que tem não vale nada, porque não é um Poder que se divida com os outros homens! Você devia ter recusado a espada, e se você tivesse feito isto ela lhe seria entregue, porque seu coração estava puro. Mas como eu temia, no momento sublime você escorregou e caiu. E por causa da sua avidez, terá que caminhar novamente em busca de sua espada. E por causa de sua soberba, terá que buscá-la entre os homens simples. E por causa de seu fascínio pelos prodígios, terá que lutar muito para conseguir de novo aquilo que tão generosamente ia lhe sendo entregue.

Foi como se o mundo tivesse fugido dos meus pés. Eu continuei ajoelhado, atônito, sem querer pensar em nada. Uma vez que já havia devolvido minha antiga espada à terra, não poderia pegá-la de volta. E uma vez que a nova não me havia sido entregue, eu estava de novo como alguém que tivesse começado naquele instante, sem poder e sem defesa. No dia de minha suprema Ordenação Celeste, a violência de meu Mestre, pisando meus dedos, me devolveu ao mundo do Ódio e da Terra.

O guia apagou a fogueira e minha mulher veio até mim e me ajudou a levantar. Ela portava minha nova espada nas mãos, mas pelas regras da Tradição eu jamais poderia tocá-la sem permissão do meu Mestre. Descemos em silêncio pelo meio da mata, seguindo a lanterna do guia, até chegarmos na pequena estrada de terra onde os carros estavam estacionados.

Ninguém se despediu de mim. Minha mulher colocou a espada na mala do carro e deu a partida no motor. Ficamos um longo tempo em silêncio, enquanto ela dirigia devagar, contornando os buracos e as valas do caminho.

– Não se preocupe – disse ela, tentando me animar um pouco. – Tenho certeza de que você irá consegui-la de volta.

Perguntei-lhe o que o Mestre havia lhe dito.

– Ele me falou três coisas. Primeiro, que ele devia ter levado um agasalho, porque ali em cima fazia muito mais frio do que ele estava pensando. Segundo, que nada daquilo tinha sido uma surpresa para ele, e que já havia acontecido muitas outras vezes, com muitas outras pessoas que tinham chegado até onde você chegou. E terceiro, que sua espada estaria esperando por você numa hora certa, numa data certa, em algum ponto de um caminho que você terá que percorrer. Eu não sei nem a data nem a hora. Ele me falou apenas do local onde devo escondê-la para que você a encontre.

– E qual é este caminho? – perguntei, nervoso.

– Ah, isto ele não explicou muito bem. Disse apenas que você procurasse no mapa da Espanha, uma rota antiga, medieval, conhecida como o Estranho Caminho de Santiago.

A CHEGADA

O guarda da Aduana olhou longamente a espada que minha mulher trazia, perguntando o que pretendíamos fazer com aquilo. Eu disse que um amigo nosso ia avaliá-la para colocarmos em leilão. A mentira deu resultado; o guarda nos deu uma declaração de que havíamos entrado com a espada pelo aeroporto de Bajadas, e avisou que se houvesse problemas em retirá-la do país, bastava mostrar aquele papel na Alfândega.

Fomos até o balcão da locadora e confirmamos os dois automóveis reservados. Pegamos os tickets e fomos comer alguma coisa juntos no restaurante do próprio aeroporto, antes de nos despedirmos.

Eu tinha passado uma noite insone no avião – mistura de medo de voar com medo do que iria acontecer dali para a frente – mas mesmo assim estava excitado e desperto.

– Não se preocupe – disse ela pela milésima vez. – Você deve ir até a França, e em San Juan Pied-de-Port procurar por Mme. Lourdes. Ela vai lhe colocar em contato com alguém que vai dirigi-lo pelo Caminho de Santiago.

– E você? – perguntei também pela milésima vez, já sabendo a resposta.

– Vou até onde tenho que ir, deixar o que me foi confiado. Depois fico em Madrid alguns dias, e volto para o Brasil. Sou capaz de dirigir nossas coisas tão bem como você faz.

– Isso eu sei – respondi, querendo evitar o assunto. Minha preocupação com negócios que havia deixado no Brasil era enorme. Eu aprendi o necessário sobre o Caminho de Santiago nos quinze dias que se seguiram ao incidente nas Agulhas Negras, mas tinha demorado quase sete meses para decidir largar tudo e fazer a viagem. Até que certa manhã minha mulher me dissera que a hora e a data se aproximavam, e se eu não tomasse uma decisão devia esquecer para sempre o caminho da Magia e a Ordem de RAM. Tentei mostrar a ela que o Mestre me dera uma tarefa impossível, já que eu não podia simplesmente sacudir dos ombros a responsabilidade do trabalho diário que eu tinha. Ela riu e disse que eu estava dando uma desculpa tola, pois naqueles sete meses eu pouco tinha feito além de passar noites e dias me perguntando se devia ou não viajar. E no gesto mais natural do mundo, me estendeu as duas passagens já com data de vôo marcada.

– É porque você decidiu, que estamos aqui – disse eu na lanchonete do aeroporto. – Não sei se isto está certo; deixar a decisão de buscar a minha espada partir de outra pessoa.

Minha mulher disse que se íamos voltar a falar bobagens era melhor pegar os carros e nos despedirmos logo.

– Você jamais deixaria que qualquer decisão na sua vida partisse de outra pessoa. Vamos logo, pois já está ficando tarde – ela levantou-se, pegou sua bagagem e se dirigiu para o estabelecimento. Eu não me mexi. Fiquei sentado, olhando a maneira displicente como carregava minha espada, toda hora ameaçando escorregar de debaixo do seu braço.

No meio do caminho ela parou, voltou até a mesa onde eu estava, me deu um sonoro beijo na boca e me olhou sem dizer nada durante muito tempo. De repente eu percebi que estava na Espanha, que já não podia voltar atrás. Mesmo com a horrível certeza de que eu tinha muitas chances de fracassar, eu já dera o primeiro passo. Então eu a abracei com muito amor, com todo o amor que sentia naquele momento, e enquanto ela estava nos meus braços rezei para tudo e a todos em que eu acreditava, implorei que me dessem forças de voltar com ela e com a espada.

– Bonita espada, você viu? – comentou uma voz feminina na mesa ao lado depois que minha mulher partiu.

– Não se preocupe – respondeu uma voz de homem. – Eu compro uma exatamente igual para você. As lojas de turismo aqui na Espanha têm milhares delas.

Depois de uma hora dirigindo, o cansaço acumulado pela noite anterior começou a surgir. Além disso, o calor de agosto era tão forte que, mesmo andando numa estrada desimpedida, o carro começava a mostrar problemas de superaquecimento. Resolvi parar um pouco numa cidadezinha que os cartazes da estrada anunciavam como Monumento Nacional. Enquanto subia a íngreme ladeira que me conduziria até ela, comecei a recordar mais uma vez tudo que havia aprendido sobre o Caminho de Santiago.

Assim como a tradição muçulmana exige que todo fiel faça, pelo menos uma vez na vida, a caminhada que Maomé fez de Meca a Medina, o primeiro milênio do cristianismo conheceu três rotas consideradas sagradas, e que resultavam numa série de bênçãos e indulgências para quem percorresse

qualquer uma delas. A primeira rota levava até o túmulo de São Pedro, em Roma, seus caminhantes tinham por símbolo uma cruz e eram chamados de romeiros. A segunda rota levava até o Santo Sepulcro de Cristo, em Jerusalém, e os que faziam este caminho eram chamados de palmeiros porque tinham como símbolo as palmas com que Cristo foi saudado quando entrou na cidade. Finalmente existia um terceiro caminho – um caminho que levava até os restos mortais do apóstolo São Tiago, enterrados num local da península ibérica onde certa noite um pastor havia visto uma brilhante estrela sobre um campo. A lenda conta que não apenas São Tiago, mas a própria Virgem Maria, estiveram por ali logo após a morte de Cristo, levando a palavra do Evangelho e exortando os povos a se converterem. O local ficou sendo conhecido como Compostela – o campo da estrela – e logo surgiu uma cidade que iria atrair viajantes de todo o resto do mundo cristão. A estes viajantes que percorriam a terceira rota sagrada, foi-lhes dado o nome de peregrinos, e passaram a ter como símbolo uma concha.

Em sua época áurea, no século XIV, a Via Láctea (porque à noite os peregrinos se orientavam por esta galáxia) chegou a ser percorrida a cada ano por mais de um milhão de pessoas, vindas de todos os cantos da Europa. Até hoje, místicos, religiosos e pesquisadores ainda fazem a pé os setecentos quilômetros que separam a cidade francesa de San Juan Pied-de-Port da Catedral de Santiago de Compostela, na Espanha. Graças ao sacerdote francês Aymeric Picaud, que peregrinou até Compostela em 1123, a rota seguida hoje pelos peregrinos é exatamente igual ao caminho medieval que foi percorrido por Carlos Magno, São Francisco de Assis, Isabel de Castela, e mais recentemente pelo papa João XXIII – entre muitos outros.

Picaud escreveu cinco livros sobre sua experiência, apresentados como trabalho do Papa Calixto II – devoto de Santiago – e conhecido mais tarde como o “Codex Calixtinus”. No Livro V do Codex Calixtinus, Liber Sancti Jacobi, Picaud enumera as marcas naturais, fontes, hospitais, abrigos e cidades que se estendiam ao longo do caminho. Baseada nas anotações de Picaud, uma sociedade – “Lés Amis de Saint-Jacques” (São Tiago é Saint Jacques em Francês, James em inglês, Giacomo em italiano, Jacob em latim) – se encarrega de manter até hoje estas marcas naturais e orientar os peregrinos.

Por volta do século XII, a nação espanhola começou a aproveitar a mística de São Tiago em sua luta contra os mouros que haviam invadido a península. Várias ordens militares foram criadas ao longo do Caminho, e as cinzas do Apóstolo se tornaram um poderoso amuleto espiritual para combater os muçulmanos, que diziam ter consigo um braço de Maomé. Finda a Reconquista, porém, as ordens militares estavam tão fortes que começaram a ameaçar o Estado, obrigando os Reis Católicos a intervirem diretamente para evitar que estas ordens se insurgissem contra a nobreza. Por causa disto, o Caminho foi pouco a pouco caindo no esquecimento e, se não fosse por manifestações artísticas esporádicas – como “A Via Lactea” de Suñuel, ou “Caminante” de Juan Manoel Serrat – ninguém hoje em dia seria capaz de lembrar que por ali passaram milhares de pessoas que mais tarde iriam povoar o Novo Mundo.

A cidadezinha onde cheguei de carro estava absolutamente deserta. Depois de muito procurar, achei uma pequena cantina adaptada em uma velha casa de estilo medieval. O dono – que não tirava os olhos de um seriado na televisão – me avisou que aquela era a hora da sesta e que eu era um louco de andar pela estrada com tanto calor.

Pedi um refrigerante, tentei ver um pouco de televisão, mas não conseguia me concentrar em nada. Pensava apenas que dentro de dois dias eu ia reviver em pleno século XX um pouco da grande aventura humana que trouxe Ulisses de Tróia, andou com Quixote pela Mancha, levou Dante e Orfeu aos infernos e Cristóvão Colombo até as Américas: a aventura de viajar em direção ao Desconhecido.

Quando tornei a pegar meu carro já estava um pouco mais calmo. Mesmo que não descobrisse minha espada, a peregrinação pelo Caminho de Santiago ia terminar fazendo com que eu descobrisse a mim mesmo.

SAN JUAN PIED-DE-PORT

Um desfile com personagens mascarados e uma banda de música – todos vestidos de vermelho, verde e branco, as cores do País Basco-Francês – ocupava a principal rua de San Juan Pied-de-Port. Era domingo, eu tinha passado dois dias dirigindo, e não podia perder mais um minuto sequer assistindo àquela festa. Abri caminho entre as pessoas, ouvi alguns insultos em francês, mas terminei dentro das fortificações que constituíam a parte mais velha da cidade, onde deveria estar Mme. Lourdes. Mesmo naquela parte dos Pirineus fazia calor durante o dia, e saí do carro ensopado de suor.

Bati na porta. Bati outra vez e nada. Uma terceira vez e ninguém respondeu. Sentei-me no meio-fio, preocupado. Minha mulher dissera que eu deveria estar ali exatamente naquele dia, mas ninguém respondia aos meus chamados. Podia ser, pensei, que Mme. Lourdes tivesse saído para ver o desfile, mas também existia a possibilidade de que eu tivesse chegado tarde demais, e ela decidira não me receber. O Caminho de Santiago acabava antes mesmo de haver começado.

De repente, a porta se abriu e uma criança pulou para a rua. Levantei-me também de um salto e, num francês que não falava direito, perguntei por Mme. Lourdes. A menina deu um riso e apontou para dentro. Só então percebi meu erro: a porta dava para um imenso pátio, em torno do qual se estendiam velhas casas medievais com balcões. A porta tinha estado aberta pra mim, e eu não tinha ousado sequer pegar na maçaneta.

Entre correndo e me dirigi para a casa que a menina me havia indicado. Lá dentro, uma mulher idosa e gorda vociferava alguma coisa em basco com um rapaz miúdo, de olhos castanhos e tristes. Aguardei algum tempo que a briga terminasse – e efetivamente terminou com o pobre rapaz sendo enviado para a cozinha debaixo de uma onda de insultos da velha. Só então ela se virou para mim e, sem sequer perguntar o que eu queria, me conduziu – entre gestos delicados e empurrões – ao segundo andar da pequena casa. Lá em cima, havia apenas um escritório apertado, cheio de livros, objetos, estátuas de Santiago e recordações do Caminho. Ela retirou um livro da estante e sentou-se por detrás da única mesa do ambiente, deixando-me de pé.

– Você deve ser mais um peregrino para Santiago – disse sem rodeios. – Preciso anotar seu nome no caderno dos que fazem o caminho.

Eu dei meu nome e ela quis saber se eu havia trazido as Vieiras. “Vieiras” era o nome dado às grandes conchas levadas como símbolo da peregrinação até o túmulo do apóstolo, e que servia para que os peregrinos se identificassem entre si.¹ Antes de viajar para a Espanha eu tinha ido até um lugar de peregrinação no Brasil, Aparecida do Norte. Lá havia comprado uma imagem de N. S. Aparecida montada sobre três vieiras. Tirei da mochila e estendi para Mme. Lourdes.

– Bonito mas pouco prático – disse ela, me devolvendo as vieiras. – Pode quebrar durante o caminho.

– Não irá quebrar. E vou deixá-las sobre o túmulo do apóstolo.

Mme. Lourdes parecia que não tinha muito tempo para me atender. Deu-me um pequeno carnê que iria me facilitar a hospedagem nos mosteiros do Caminho, colocou um carimbo de San Juan Pied-de-Port para indicar onde eu havia iniciado a caminhada, e disse que podia partir na bênção de Deus.

– Mas onde está o meu guia? – perguntei.

– Que guia? – respondeu ela, um pouco surpresa, mas também com um brilho distinto nos olhos.

Eu percebi que tinha esquecido de algo muito importante. No afã de chegar a ser logo atendido, eu não tinha pronunciado a Palavra Antiga – uma espécie de senha que identifica aqueles que pertencem ou pertenceram às ordens da Tradição. Imediatamente corrigi meu erro e disse-lhe a Palavra. Mme. Lourdes, num gesto rápido, arrancou de minhas mãos o carnê que me havia entregue minutos antes.

– Você não vai precisar disto – disse, enquanto retirava uma pilha de jornais velhos de cima de uma caixa de papelão. – O seu caminho e o seu descanso dependem das decisões do seu guia.

Mme. Lourdes retirou da caixa um chapéu e um manto. Pareciam peças de roupa muito antigas, mas estavam bem conservadas. Pediu-me que ficasse em pé no centro da sala, e começou a rezar, em silêncio. Depois colocou o manto nas minhas costas e o chapéu na minha cabeça. Pude notar que tanto no chapéu como em cada ombro do manto haviam vieiras costuradas. Sem parar de rezar, a velha senhora pegou um cajado num dos cantos do escritório e me fez segurá-lo com minha mão direita. No cajado prendeu uma pequena cabaça de água. Ali estava eu: por debaixo, bermuda-Jeans e camiseta I LOVE NY e, por cima, o traje medieval dos peregrinos à Compostela.

A velha se aproximou até ficar a dois palmos de distância na minha frente. Então, numa espécie de transe, colocando as mãos espalmadas sobre minha cabeça, disse:

– Que o Apóstolo São Tiago te acompanhe e te mostre a única coisa que precisas descobrir; que não andes nem devagar nem depressa demais, mas sempre de acordo com as Leis e as Necessidades do Caminho; que obedeças àquele que vai te guiar, mesmo quando te der uma ordem homicida, blasfema, ou insensata. Tu tens que jurar obediência total ao teu guia.

Eu jurei.

– O Espírito dos velhos peregrinos da Tradição há de acompanhá-lo na jornada. O chapéu o protege contra o sol e os maus pensamentos; o manto o protege contra a chuva e as más palavras; o cajado o protege contra os inimigos e as más obras. A bênção de Deus, de Santiago, e da Virgem Maria o acompanhe todas as noites e todos os dias. Amém.

Dito isto, voltou à sua maneira habitual: com pressa e com um certo mau-humor recolheu as roupas, guardou-as de novo na caixa, recolocou o cajado com a cabaça no canto da sala, e depois de me ensinar as palavras de senha pediu-me que fosse embora logo, pois meu guia estava me esperando a uns dois quilômetros de San Juan Pied-de-Port.

– Ele detesta banda de música – disse ela. Mas mesmo a dois quilômetros de distância ele deve estar escutando: os Pirineus são uma excelente caixa de ressonância.

E sem maiores comentários, desceu as escadas e foi para a cozinha, atormentar um pouquinho mais o rapaz de olhos tristes. Na saída perguntei o que deveria fazer com o carro, e ela disse que lhe deixasse as chaves, pois alguém viria buscá-lo. Fui até a mala do carro, peguei a pequena mochila azul com um saco de dormir amarrado, guardei no seu canto mais protegido a imagem de N.S. Aparecida com as conchas, coloquei-a nas costas e fui dar as chaves para Mme. Lourdes.

– Saia da cidade seguindo esta rua até aquela porta lá no final das muralhas – ela me falou. – E quando chegar a Santiago de Compostela, reze uma ave-maria por mim. Eu já percorri tantas vezes este caminho e agora me contento em ler nos olhos dos peregrinos a excitação que ainda tenho, mas que não posso mais pôr em prática por causa da idade. Conte isso a Santiago. E conte também que a qualquer hora estarei me encontrando com ele, por outro caminho – mais direto e menos cansativo.

Sai da pequena cidadezinha atravessando as muralhas pela Porte D'Espagne. No passado esta tinha sido a rota preferida dos invasores romanos, e por aqui também passaram os exércitos de Carlos Magno e Napoleão. Segui em silêncio, ouvindo ao longe a banda de música e, subitamente, nas ruínas de um povoado perto de San Juan, fui tomado de uma imensa emoção e meus olhos se encheram de água: ali, naquelas ruínas, pela primeira vez eu me dei conta de que meus pés estavam pisando o Estranho Caminho de Santiago.

Em volta do vale, os Pirineus, coloridos pela música da bandinha e pelo sol daquela manhã, me davam a sensação de algo primitivo, alguma coisa que já tinha sido esquecida pelo gênero humano mas que de maneira nenhuma eu conseguia saber o que era. Era, entretanto, uma sensação estranha e forte, e resolvi apressar o passo e chegar o mais breve possível ao local onde Mme. Lourdes dissera que o guia me esperava. Sem parar de caminhar, tirei a camiseta e guardei-a na mochila. As alças começaram a machucar um pouco os ombros nus, mas em compensação o velho tênis estava tão macio que não me causava nenhum incômodo. Depois de quase quarenta minutos, numa curva que contornava uma gigantesca pedra, cheguei ao velho poço abandonado. Ali, sentado no chão, um homem com seus cinquenta anos – de cabelos pretos e aspecto cigano – remexia sua mochila em busca de algo.

– Olá – disse eu, em espanhol, com a mesma timidez que tinha toda vez que era apresentado a alguém. – Você deve estar me esperando. Meu nome é Paulo.

O homem parou de mexer na mochila e me olhou de cima a baixo. Seu olhar era frio e ele não pareceu surpreso com minha chegada. Eu também tive a vaga sensação de que a conhecia.

– Sim, eu estava te esperando, mas não sabia que ia encontrá-lo tão cedo. O que você quer?

Fiquei um pouco desconcertado com a pergunta, e respondi que era eu quem ele iria guiar pela Via Láctea em busca da espada.

– Não é preciso – disse o homem. – Se você quiser, eu posso encontrá-la para você. Mas decida isto agora.

Cada vez achava mais estranha aquela conversa com o desconhecido. Entretanto, como tinha jurado obediência completa, preparei-me para responder. Se ele podia encontrar a espada para mim, ia me poupar um tempo enorme, e eu poderia voltar logo às pessoas e aos negócios no Brasil, que não saíam de minha cabeça. Poderia também ser um truque, mas não haveria mal algum em dar uma resposta.

Resolvi dizer que sim. E de repente, por detrás de mim, ouvi uma voz em espanhol, num sotaque carregadíssimo:

– A gente não precisa subir uma montanha para saber se ela é alta.

Era a senha! Olhei para trás e vi um homem de seus quarenta anos, bermudas cáqui, camiseta branca suada, olhando fixamente para o cigano. Tinha os cabelos grisalhos e a pele queimada pelo sol. Na minha pressa, eu tinha me esquecido das regras mais elementares de proteção, e tinha me atirado de corpo e alma nos braços do primeiro desconhecido que encontrara.

– O barco está mais seguro quando está no porto; mas não foi para isto que foram construídos os barcos – eu disse a contra-senha. O homem entretanto, não desviou os olhos do cigano, nem o cigano desviou os olhos dele. Ambos se encararam, sem medo e sem valentia, por alguns minutos. Até que o cigano deixou a mochila no chão, deu um sorriso de desdém, e seguiu em direção à San Juan Pied-de-Port.

– Meu nome é Petrus2 – disse o recém-chegado, assim que o cigano sumiu atrás da imensa pedra que eu havia contornado minutos antes. – Da próxima vez seja mais cauteloso.

Notei um tom simpático na sua voz, diferente do tom do cigano e da própria Mme. Lourdes. Ele pegou a mochila do chão e eu reparei que a mesma tinha desenhada uma vieira na parte de trás. Tirou de dentro uma garrafa de vinho, tomou um gole e me estendeu. Enquanto eu bebia, perguntei quem era o cigano.

– Esta rota é uma rota de fronteira, muito utilizada por contrabandistas e por terroristas refugiados do país basco-espanhol – disse Petrus. – A polícia quase não vem aqui.

– Você não está me respondendo. Vocês dois se olharam como velhos conhecidos. E eu tenho a impressão de que conheço ele também, por isso fui tão afoito.

Petrus deu um riso e pediu para que começássemos logo a andar. Peguei minhas coisas e começamos a caminhar em silêncio. Mas pelo riso de Petrus, eu sabia que ele estava pensando a mesma coisa que eu.

Nós tínhamos encontrado um demônio.

Caminhamos em silêncio durante um certo tempo, e Mme. Lourdes tinha toda razão: mesmo a quase três quilômetros de distância ainda dava para ouvir o som da bandinha que tocava sem parar. Eu queria fazer muitas perguntas a Petrus – sua vida, seu trabalho, e o que o tinha trazido até este local. Sabia, porém, que tínhamos ainda setecentos quilômetros para percorrermos juntos, e chegaria o momento certo de ter todas estas perguntas respondidas. Mas o cigano não me saía da cabeça, e eu terminei quebrando o silêncio.

– Petrus, acho que o cigano era o demônio.

– Sim, ele era o demônio – e quando confirmou isto, senti um misto de terror e alívio. – Mas não é o demônio que você conheceu na Tradição.

Na Tradição, o demônio é um espírito que não é bom nem mau, mas considerado guardião da maior parte dos segredos acessíveis ao homem, e com força e poder sobre as coisas materiais. Por ser o anjo caído, identifica-se com a raça humana e está sempre disposto a pactos e trocas de favores. Perguntei qual era a diferença entre o cigano e os demônios da Tradição.

– Nós vamos encontrar outros no caminho – riu ele. – Você irá perceber por si só. Mas, para ter uma idéia, procure se lembrar de toda a sua conversa com o cigano.

Eu repassei as duas únicas frases que havia trocado com ele. Ele tinha dito que estava me esperando, e tinha afirmado que buscaria a espada para mim.

Petrus então disse que eram duas frases que caberiam perfeitamente bem na boca de um ladrão que é surpreendido em pleno roubo de uma mochila: tentar ganhar tempo e conseguir favores, enquanto rapidamente traça uma rota de fuga. Ao mesmo tempo, as duas frases podiam ter um sentido mais profundo, ou seja – que as palavras estivessem dizendo exatamente o que pretendia dizer.

– Qual das duas estão certas?

– Ambas estão certas. Aquele pobre ladrão, enquanto se defendia, captou no ar as palavras que precisavam serem ditas a você. Achou que estava sendo inteligente, e estava sendo instrumento de uma força maior. Se ele tivesse corrido quando cheguei, esta conversa estaria desnecessária. Mas ele me encarou, e eu li em seus olhos o nome de um demônio que você irá encontrar no caminho.

Para Petrus, o encontro tinha sido um presságio favorável, já que o demônio havia se revelado cedo demais.

– Entretanto, não se preocupe com ele agora porque, como eu disse antes, ele não será o único. Talvez seja o mais importante, mas não será o único.

Continuamos andando. A vegetação, antes um pouco desértica, mudou para pequenas árvores espalhadas aqui e ali. Talvez fosse melhor mesmo seguir o conselho de Petrus, e deixar que as coisas

acontecessem por si mesmas. De vez em quando ele fazia algum comentário a respeito de um ou de outro fato histórico que havia ocorrido pelos lugares onde íamos passando. Vi a casa onde uma rainha havia pernoitado na véspera de morrer, e uma capelinha incrustada nas rochas, ermita de algum homem santo que os raros habitantes daquela área juravam ser capaz de fazer milagres.

– Os milagres são muito importantes, você não acha? – disse ele.

Eu respondi que sim, mas que jamais tinha visto um grande milagre. Meu aprendizado na Tradição tinha sido muito mais no plano intelectual. Acreditava que, quando recuperasse a minha espada, aí sim, eu seria capaz de fazer as grandes coisas que meu Mestre fazia.

– E que não são milagres, porque não mudam as leis da natureza. O que meu Mestre faz é utilizar estas forças para...

Não consegui completar a frase, porque não achava nenhuma razão para que o Mestre conseguisse materializar espíritos, mudar objetos de lugar sem tocá-los e, como já havia visto mais de uma vez, abrir buracos de céu azul em tardes cobertas de nuvens.

– Talvez ele faça isto para convencer você de que tem o Conhecimento e o Poder – respondeu Petrus.

– É, pode ser – respondi sem muita convicção.

Sentamos numa pedra, porque Petrus me disse que detestava fumar cigarros enquanto andava. Segundo ele, os pulmões absorviam muito mais nicotina, e o fumo lhe causava náuseas.

– Por isso seu Mestre lhe recusou a espada – disse Petrus. Porque você não sabe a razão dele fazer seus prodígios. Porque você esqueceu que o caminho do conhecimento é um caminho aberto a todos os homens, às pessoas comuns. Em nossa viagem, eu vou ensinar-lhe alguns exercícios e alguns rituais, que são conhecidos como As Práticas de RAM. Qualquer pessoa, em algum momento da sua existência, já teve acesso a pelo menos uma delas. Todas elas, sem exceção, podem ser encontradas por alguém que se disponha a procurá-las, com paciência e com perspicácia, nas próprias lições que a vida nos ensina.

“As Práticas de RAM são tão simples que as pessoas como você, acostumadas a sofisticar demais a vida, muitas vezes não lhe dão nenhum valor. Mas são elas, junto com mais três outros conjuntos de Práticas, que fazem o homem ser capaz de conseguir tudo, mas absolutamente tudo que deseja.”

– Jesus louvou o Pai quando seus discípulos começaram a realizar milagres e curas, e agradeceu porque Ele havia escondido estas coisas dos sábios e revelado aos homens simples. Afinal de contas, se alguém acredita em Deus, tem que acreditar também que Deus é justo.

Petrus tinha toda razão. Seria uma injustiça divina permitir que só as pessoas instruídas, com tempo e dinheiro para comprar livros caros, pudessem ter acesso ao verdadeiro Conhecimento.

– O verdadeiro caminho da sabedoria pode ser identificado por apenas três coisas – disse Petrus. Primeiro, ele tem que ter Ágape, e disso eu vou lhe falar mais tarde; segundo, ele tem que ter uma aplicação prática na sua vida, senão a sabedoria torna-se uma coisa inútil e apodrece como uma espada que nunca é utilizada.

“E finalmente, ele tem que ser um caminho que possa ser trilhado por qualquer um. Como o caminho que você está trilhando agora, o Caminho de Santiago.”

Andamos durante todo o resto da tarde e só quando o sol começou a sumir por detrás das montanhas é que Petrus resolveu parar de novo. À nossa volta, os picos mais altos dos Pirineus ainda brilhavam com a luz dos últimos raios do dia.

Petrus pediu que eu limpasse uma pequena área no chão e me ajoelhasse ali.

– A Primeira Prática de RAM é renascer de novo. Você terá que executá-la durante sete dias seguidos, tentando experimentar de uma maneira diferente aquilo que foi o seu primeiro contato com o mundo. Você sabe o quanto deve ter sido difícil largar tudo e vir percorrer o Caminho de Santiago em busca de uma espada, mas esta dificuldade só existiu porque você estava preso ao passado. Já foi derrotado e tem medo de ser derrotado novamente; já conseguiu alguma coisa, e tem medo de tornar a perdê-la. Entretanto, alguma coisa mais forte que tudo isto prevaleceu: o desejo de encontrar sua espada. E você resolveu correr o risco.

Respondi que sim, mas que ainda continuava com as mesmas preocupações a que ele havia se referido.

– Não tem importância. O exercício, aos poucos, irá libertá-lo das cargas que você mesmo criou na sua vida.

E Petrus me ensinou a Primeira prática de RAM: O EXERCÍCIO DA SEMENTE.

O EXERCÍCIO DA SEMENTE

Ajoelhe-se no chão. Depois sente-se nos seus calcanhares e abaixe o corpo, de modo que sua cabeça toque os joelhos. Estique os braços para trás. Você está numa posição fetal. Agora relaxe e esqueça todas as tensões. Respire calma e profundamente. Aos poucos você vai percebendo que é uma minúscula semente, cercada pelo conforto da terra. Tudo está quente e gostoso ao seu redor. Você dorme um sono tranqüilo. De repente, um dedo se move. O broto não quer mais ser semente, ele quer nascer. Lentamente você começa a mover os braços, e depois seu corpo irá se erguendo, se erguendo, até que você estará sentado nos seus calcanhares. Agora você começa a levantar-se, e lentamente, lentamente, estará ereto e de joelhos no chão. Durante todo este tempo você imaginou que é uma semente se transformando em broto e rompendo pouco a pouco a terra.

Chegou o momento de romper a terra por completo. Você vai se levantando lentamente, colocando um pé no chão, depois o outro, lutando contra o desequilíbrio como um broto luta para encontrar seu espaço. Até que você fica em pé. Imagina o campo ao seu redor, o sol, a água, o vento e os pássaros. É um broto que começa a crescer. Levanta, devagar, os braços, em direção ao céu. Depois vai se esticando cada vez mais, cada vez mais, como se quisesse agarrar o sol imenso que brilha sobre você e lhe dá forças, e lhe atrai. Seu corpo começa a ficar cada vez mais rígido, seus músculos retesam-se todos, enquanto você se sente crescer. crescer, crescer e se tornar imenso. A tensão vai aumentando cada vez mais, até tornar-se dolorosa, insuportável. Quando você não agüentar mais, dê um grito e abra os olhos.

Repita este exercício sete dias seguidos, sempre à mesma hora.

– Faça-o agora pela primeira vez – disse.

Encostei minha cabeça entre os joelhos, respirei fundo e comecei a relaxar. Meu corpo obedeceu com docilidade – talvez porque tínhamos andado muito durante o dia e eu devia estar exausto. Comecei a escutar o barulho da terra, um barulho surdo, rouco, e aos poucos fui me transformando na semente. Não pensava. Tudo era escuro e eu estava adormecido no fundo da terra. De repente, alguma coisa se moveu. Era uma parte de mim, uma minúscula parte de mim que queria me despertar, que dizia que eu tinha de sair dali porque havia outra coisa “lá para cima”. Eu pensava em dormir e esta parte insistia. Começou por mover meus dedos, e meus dedos foram movendo meus braços – mas não eram dedos nem braços, e sim um pequeno broto que lutava para vencer a força da terra e caminhar em direção à tal “coisa lá em cima”. Senti que o corpo começou a seguir o movimento dos braços. Cada segundo parecia uma eternidade, mas a semente tinha uma coisa “lá em cima” e ela precisava nascer, precisava saber o que era. Com uma imensa dificuldade a cabeça, depois o corpo, começaram a levantar. Tudo era lento demais e eu precisava lutar contra a força que me empurrava para baixo, em direção ao fundo da terra, onde antes eu estava tranqüilo e dormindo meu sono eterno. Mas fui vencendo, fui vencendo, e finalmente rompi alguma coisa e já estava reto. A força que me empurrava para baixo, de repente cessou. Eu havia rompido a terra e estava cercado da tal “coisa lá em cima”.

A “coisa lá em cima” era o campo. Senti o calor do sol, o zumbir dos mosquitos, o barulho de um rio que corria ao longe. Levantei-me devagar, de olhos fechados e, a todo momento, pensava que iria me desequilibrar e voltar para a terra, mas no entanto continuava a crescer. Meus braços foram se abrindo e meu corpo esticando. Ali estava eu, renascendo, querendo ser banhado por dentro e por fora por aquele sol imenso que brilhava e que me pedia para crescer mais, esticar mais, para abraçá-lo com todos os meus ramos. Fui retesando cada vez mais os braços, os músculos de todo o corpo começaram a doer, e eu senti que tinha mil metros de altura, e que podia abraçar muitas montanhas. E o corpo foi se expandindo, se expandindo, até que a dor muscular se tornou tão intensa que eu não agüentei mais e dei um grito.

Abri os olhos e Petrus estava diante de mim, sorrindo e fumando um cigarro. A luz do dia ainda não havia desaparecido, mas fiquei surpreso em perceber que não fazia o sol que eu havia imaginado. Perguntei se ele queria que lhe descrevesse as sensações, e ele disse que não.

– Isto é uma coisa muito pessoal, e você deve guardá-las para si mesmo. Como eu poderia julgá-las? Elas são as suas, não as minhas.

Petrus disse que íamos dormir ali mesmo. Fizemos uma pequena fogueira, tomamos o que restava da garrafa de vinho dele, e eu preparei alguns sanduíches com um patê de foie-gras que havia comprado antes de chegar a San Juan. Petrus foi até o riacho que corria por perto e trouxe alguns peixes, que assou na fogueira. Depois, cada qual deitou no seu saco de dormir.

Dentre as grandes sensações que experimentei na minha vida, não posso me esquecer daquela primeira noite no Caminho de Santiago. Fazia frio, apesar do verão, mas eu tinha ainda na boca o gosto do vinho que Petrus havia trazido. Olhei para o céu e a Via Láctea se estendia sobre mim, mostrando o imenso caminho que devíamos cruzar. Outrora, esta imensidão me daria uma grande angústia, um medo terrível de que não seria capaz de conseguir, de que era pequeno demais para isto. Mas hoje eu era uma semente e tinha nascido de novo. Tinha descoberto que, apesar do conforto da terra e do sono que eu dormia, era muito mais bela a vida “lá em cima”. Eu eu podia nascer sempre, quantas vezes quisesse, até que meus braços fossem suficientemente grandes para poder abraçar a terra de onde eu tinha vindo.

O CRIADOR E A CRIATURA

Durante seis dias caminhamos pelos Pirineus, subindo e descendo montanhas, com Petrus me pedindo para realizar o exercício da semente toda vez que os raios de sol iluminavam apenas os picos mais altos. No terceiro dia de caminhada, um marco de cimento pintado de amarelo indicava que havíamos cruzado a fronteira e, a partir dali, nossos pés estavam pisando em terra espanhola. Petrus, pouco a pouco, começou a soltar algumas coisas de sua vida particular; descobri que era italiano e que trabalhava em desenho industrial.¹ Perguntei se não estava preocupado com as muitas coisas que devia ter sido forçado a abrir mão para guiar um peregrino em busca de sua espada.

– Quero explicar-lhe uma coisa – respondeu ele. – Eu não o estou guiando até sua espada. Cabe única e exclusivamente a você encontrá-la. Eu estou aqui para conduzi-lo através do Caminho de Santiago e ensinar-lhe as Práticas de RAM. Como você aplicará isto para encontrar a sua espada, é problema seu.

– Você não respondeu a minha pergunta.

– Quando você viaja, está experimentando de uma maneira muito prática o ato de Renascer. Está diante de situações completamente novas, o dia passa mais devagar e na maior parte das vezes não compreende a língua que as pessoas estão falando. Exatamente como uma criança que acabou de sair do ventre materno. Com isto, você passa a dar muito mais importância às coisas que te cercam, porque delas depende a sua própria sobrevivência. Passa a ser mais acessível às pessoas, porque elas poderão ajudá-lo em situações difíceis. E recebe qualquer pequeno favor dos deuses com uma grande alegria, como se aquilo fosse um episódio para ser lembrado pelo resto da vida.

“Ao mesmo tempo, como todas as coisas são novas, você enxerga apenas a beleza nelas, e fica mais feliz em estar vivo. Por isso a peregrinação religiosa sempre foi uma das maneiras mais objetivas de se conseguir chegar à iluminação. A palavra pecado vem de pecus, que significa pé defeituoso, pé incapaz de percorrer um caminho. A maneira de se corrigir o pecado é andando sempre em frente, adaptando-se às situações novas e recebendo em troca todas as milhares de bênçãos que a vida dá com generosidade aos que lhe pedem.”

– Você acha que eu poderia estar preocupado com meia dúzia de projetos que deixei de realizar para estar com você aqui?

Petrus olhou em volta e eu acompanhei seus olhos. No alto de uma montanha, algumas cabras pastavam. Uma delas, mais ousada, estava sobre uma pequena saliência de uma rocha altíssima, e eu não entendia como havia lá chegado e como poderia sair dali. Mas no momento em que pensei isto, a cabra saltou e, tocando em pontos invisíveis aos meus olhos, voltou para junto de suas companheiras. Tudo em volta refletia uma paz nervosa, a paz de um mundo que ainda tinha muito para crescer e criar, e que sabia que para isto era preciso continuar caminhando, sempre caminhando. Mesmo que um terremoto grande ou uma tempestade assassina, às vezes, me desse a sensação de que a natureza era cruel, eu percebi que estas eram as vicissitudes do caminho. Também a natureza viajava, em busca da iluminação.

– Eu estou muito contente de estar aqui – disse Petrus. – Porque o trabalho que deixei de realizar não conta mais, e os trabalhos que realizarei depois disto vão ser muito melhores.

Quando eu tinha lido a obra de Carlos Castañeda, havia desejado muito encontrar o velho bruxo índio, D. Juan. Vendo Petrus olhar as montanhas, pareceu-me estar com alguém muito parecido.

Na tarde do sétimo dia chegamos ao alto de um morro, depois de atravessarmos uma floresta de pinheiros. Ali, Carlos Magno tinha orado pela primeira vez em solo espanhol, e um monumento antigo pedia em latim que, por causa deste feito, todos rezassem uma Salve Rainha. Nós dois fizemos o que o monumento pedia. Depois, Petrus fez com que eu realizasse o exercício da semente pela última vez.

Ventava muito e fazia frio. Argumentei que ainda era cedo – deviam ser, no máximo, três horas da tarde – mas ele respondeu que eu não discutisse e fizesse exatamente o que estava mandando.

Eu me ajoelhei no chão e comecei a realizar o exercício. Tudo transcorreu normal até o momento em que estendi meus braços e comecei a imaginar o sol. Quando cheguei a este ponto, com o sol gigantesco brilhando a minha frente, senti que estava entrando num grande êxtase, Minhas memórias de homem começaram lentamente a se apagar, e eu já não estava realizando um exercício, tinha virado uma árvore. Estava feliz e contente com isto. O sol brilhava e girava em torno de si mesmo – o que não tinha acontecido em nenhuma vez anterior. Fiquei ali, os ramos estendidos, as folhas sacudidas pelo vento, sem

querer nunca mais sair daquela posição. Até que alguma coisa me atingiu e tudo ficou escuro, por uma fração de segundo.

Abri imediatamente os olhos. Petrus me dera uma bofetada no rosto e me segurava pelos ombros.

– Não esqueça dos seus objetivos! – disse com raiva. – Não esqueça que você ainda tem muito que aprender antes de encontrar sua espada!

Eu me sentei no chão, tremendo por causa do vento gelado.

– Isto acontece sempre? perguntei.

– Quase sempre – disse ele. – Principalmente com pessoas como você, que se fascinam pelos detalhes e esquecem do que procuram.

Petrus tirou um pullover da mochila e vestiu. Eu coloquei por cima da I LOVE NY a minha camiseta sobressalente – jamais havia pensado que, num verão que jornais haviam chamado como “o mais quente da década”, pudesse fazer tanto frio assim. As duas camisetas ajudaram a cortar o vento, mas eu pedi a Petrus que andássemos mais depressa, para que eu pudesse me aquecer.

O caminho agora era uma descida bem fácil. Achei que o frio demasiado que sentia era porque tínhamos nos alimentado muito frugalmente, comendo apenas peixes e frutas silvestres.² Ele disse que não, e explicou que o frio era porque havíamos atingido o ponto mais alto da caminhada nas montanhas.

Não havíamos andado mais de quinhentos metros quando, numa curva do caminho, o mundo de repente mudou. Uma gigantesca planície ondulada estendia-se a nossa frente. E à esquerda, no caminho de descida, a menos de duzentos metros de nós, uma bonita cidadezinha nos esperava, com suas chaminés fumegando.

Eu comecei a andar mais rápido, mas Petrus me deteve.

– Acho que é o melhor momento de ensinar-lhe a Segunda Prática de RAM – disse, sentando no chão e me indicando para fazer o mesmo.

Eu sentei a contragosto. A visão da pequena cidade com suas chaminés fumegando tinha me perturbado bastante. De repente, eu me dei conta de que estávamos há uma semana no meio do mato, sem ver ninguém, dormindo ao relento e andando o dia inteiro. Meus cigarros haviam acabado e eu era obrigado a fumar o horrível fumo de rolo que Petrus utilizava. Dormir dentro de um saco o comer peixe sem tempero eram coisas que eu gostava muito, quando tinha vinte anos, mas que ali, no Caminho de Santiago, exigiam muita resignação. Esperei impaciente que Petrus acabasse de preparar e fumar seu cigarro em silêncio, enquanto sonhava com o calor de um copo de vinho no bar que eu podia ver, a menos de cinco minutos de caminhada.

Petrus, bem agasalhado no seu pullover, estava tranqüilo, e olhava distraído a imensa planície.

– Que tal a travessia dos Pirineus? – perguntou, depois de algum tempo.

– Muito boa – respondi sem querer prolongar a conversa.

– Deve ter sido muito boa mesmo, porque demoramos seis dias para fazer o que podia ter sido feito em apenas um.

Não acreditei no que ele estava dizendo. Ele pegou o mapa e me mostrou a distância: 17 km. Mesmo andando devagar por causa das subidas e descidas, aquele caminho podia ter sido coberto em seis horas.

– Você está tão obcecado em chegar até sua espada que se esqueceu da coisa mais importante: é preciso caminhar até ela. Olhando fixamente para Santiago – que você não pode ver daqui – não reparou que passamos por determinados lugares quatro ou cinco vezes seguidas, apenas em ângulos diferentes.

Agora que Petrus falava, comecei a me dar conta de que o Monte Itchasheguy – o mais alto da região – às vezes estava à minha direita e às vezes à minha esquerda. Mesmo tendo reparado isto, na ocasião, eu não havia chegado à única conclusão possível: tínhamos ido e voltado muitas vezes.

– A única coisa que fiz foi utilizar rotas diferentes, aproveitando as trilhas abertas na mata por contrabandistas. Mas, mesmo assim, você teria a obrigação de haver percebido.

“Isto aconteceu porque o seu ato de caminhar não existia. Existia apenas seu desejo de chegar.”

– E se eu tivesse percebido?

– Teríamos demorado os sete dias de qualquer maneira, porque assim determinam as Práticas de RAM. Mas, pelo menos, você tinha aproveitado os Pirineus de outra forma.

Eu estava tão surpreso que me esqueci um pouco do frio e da cidadezinha.

– Quando se viaja em direção a um objetivo – disse Petrus – é muito importante prestar atenção no Caminho. O Caminho é que sempre nos ensina a melhor maneira de chegar, e nos enriquece, enquanto o estamos cruzando. Comparando isto com uma relação sexual, eu diria que são as carícias preliminares que determinam a intensidade do orgasmo. Qualquer pessoa sabe disto.

“E assim é quando se tem um objetivo na vida. Ele pode ser melhor ou pior, dependendo do caminho que escolhemos para atingi-lo, e da maneira como cruzamos este caminho. Por isso, a Segunda Prática de RAM é tão importante: tirar daquilo que estamos acostumados a olhar todos os dias os segredos que, por causa da rotina, não conseguimos ver.”

E Petrus me ensinou O EXERCÍCIO DA VELOCIDADE.

O EXERCÍCIO DA VELOCIDADE

Caminhe durante vinte minutos, na metade da velocidade que você costuma normalmente andar. Preste atenção a todos os detalhes, pessoas e paisagens que estão à sua volta. A hora mais indicada para este exercício ser realizado é após o almoço.

Repetir o exercício durante sete dias.

– Nas cidades, no meio de nossos afazeres diários, este exercício deve ser executado em vinte minutos. Mas como estamos cruzando o Estranho Caminho de Santiago, vamos demorar uma hora para chegar até a cidade.

O frio – de que eu já havia me esquecido – voltou, e eu olhei com desespero para Petrus. Mas ele não prestou atenção: levantou-se, pegou a mochila, e começamos a caminhar aqueles duzentos metros numa lentidão desesperadora.

No começo eu ficava olhando apenas a taberna, um prediozinho antigo, de dois andares, com um letreiro em madeira pendurado por cima da porta. Estávamos tão perto que eu até podia ler a data em que o prédio fôra construído: 1652. Estávamos nos movendo, mas parecia que não tínhamos saído do lugar. Petrus colocava um pé adiante do outro com a máxima lentidão, e eu o imitava. Tirei da mochila o relógio e o coloquei no pulso.

– Vai ser pior assim, – disse ele – porque o tempo não é algo que corre sempre no mesmo ritmo. Nós é que determinamos o ritmo do tempo.

Eu comecei a olhar o relógio a toda hora e achei que ele tinha razão. Quanto mais olhava, mais os minutos custavam a passar. Resolvi seguir seu conselho e enfiei o relógio no bolso. Procurei prestar atenção na paisagem, na planície, nas pedras que meus sapatos pisavam, mas a todo momento eu olhava para a taberna – e me convencia de que não tinha saído do lugar. Pensei em contar mentalmente algumas histórias para mim mesmo, mas aquele exercício estava me deixando tão nervoso que eu não conseguia me concentrar. Quando não resisti e tirei de novo o relógio do bolso, haviam passado apenas onze minutos.

– Não faça deste exercício uma tortura, porque ele não foi feito para isto – disse Petrus. – Procure tirar prazer de uma velocidade a qual você não está acostumado. Mudando a maneira de fazer coisas rotineiras, você permite que um novo homem cresça dentro de você. Mas, enfim, você é quem decide.

A gentileza da frase final me acalmou um pouco. Se era eu quem decidia o que fazer, então era melhor tirar proveito da situação. Respirei fundo e evitei pensar. Despertei em mim um estado esquisito, como se o tempo fosse algo distante e que não me interessasse. Fui me acalmando cada vez mais e comecei a reparar com outros olhos as coisas que me cercavam. A imaginação, que estava rebelde enquanto eu estava tenso, passou a funcionar a meu favor. Olhava a cidadezinha a minha frente e começava a criar toda uma história a seu respeito: como tinha sido construída, os peregrinos que por ali tinham passado, a alegria de encontrar gente e hospedagem depois do vento frio dos Pirineus. Em determinado momento julguei ver na cidade uma presença forte, misteriosa e sabia. Minha imaginação encheu a planície de cavaleiros e de combates. Eu podia ver suas espadas reluzindo ao sol e ouvir seus gritos de guerra. A cidadezinha não era mais apenas um lugar para aquecer minha alma com vinho e meu corpo com um cobertor: era um marco histórico, uma obra de homens heróicos, que haviam deixado tudo para se instalarem naqueles ermos. O mundo estava ali, me cercando, e eu percebi que muito poucas vezes eu havia prestado atenção nele.

Quando me dei conta, estávamos na porta da taberna e Petrus me convidou para entrar.

– Eu pago o vinho – disse ele. – E vamos dormir cedo porque amanhã preciso apresentá-lo a um grande bruxo.

Dormi um sono pesado e sem sonhos. Assim que o dia começou a se estender pelas duas únicas ruas da cidadezinha de Roncesvalles, Petrus bateu na porta do meu quarto. Estávamos hospedados no andar superior da taberna, que também servia de hotel.

Tomamos café preto, pão com azeite, e saímos. Uma neblina densa pairava sobre o local. Percebi que Roncesvalles não era exatamente uma cidadezinha, como eu havia pensado a princípio; na época das grandes peregrinações pelo Caminho, ela fôra o mais poderoso mosteiro da região, com interferência direta em territórios que iam até a fronteira de Navarra. E ainda guardava estas características: seus poucos prédios faziam parte de um colegiado de religiosos. A única construção de características “leigas” era a taberna onde havíamos nos hospedado.

Caminhamos pela neblina e entramos na Igreja Colegial. Lá dentro, paramentados de branco, vários padres rezavam em conjunto a primeira missa da manhã. Percebi que era incapaz de entender uma palavra, pois a missa estava sendo rezada em basco. Petrus sentou-se num dos bancos mais afastados e pediu que eu ficasse do seu lado.

A igreja era imensa, cheia de objetos de arte de valor incalculável. Petrus me explicou baixinho que tinha sido construída com doações de reis e rainhas de Portugal, Espanha, França e Alemanha,

num sítio previamente marcado pelo imperador Carlos Magno. No altar-mor, a Virgem de Roncesvalles – toda em prata maciça e com rosto em madeira preciosa – tinha nas mãos um ramo de flores feito de pedrarias. O cheiro de incenso, a construção gótica e os padres vestidos de branco, seus cânticos, começaram a me deixar num estado muito semelhante aos tranques que eu experimentava durante os rituais da Tradição.

– E o bruxo? – perguntei, me lembrando do que ele havia falado na tarde anterior.

Petrus apontou com um gesto de cabeça para um padre de meia idade, magro e de óculos, sentado junto com outros monges nos compridos bancos ladeavam o altar-mor. Um bruxo e ao mesmo tempo um padre! Desejei que a missa acabasse logo, mas como Petrus me havia dito no dia anterior, somos nós que determinamos o ritmo do tempo: minha ansiedade fez com que a cerimônia religiosa demorasse mais de uma hora.

Quando a missa acabou, Petrus me deixou sozinho no banco e se retirou pela porta por onde os padres haviam saído. Fiquei algum tempo olhando a igreja, sentindo que devia fazer algum tipo de oração, mas não consegui me concentrar em nada. As imagens pareciam distantes, presas num passado que não voltaria mais, como jamais voltaria a época de ouro do Caminho de Santiago.

Petrus apareceu na porta e, sem qualquer palavra, me fez sinal para que o seguisse.

Chegamos a um jardim interno do convento, cercado por uma varanda de pedra. No centro do jardim havia uma fonte e, sentado em sua borda, nos esperava o tal padre de óculos.

– Padre Jordi, este é o peregrino – disse Petrus me apresentando.

O padre me estendeu a mão e eu o cumprimentei. Ninguém disse mais nada. Fiquei esperando que alguma coisa acontecesse, mas só escutava o ruído de galos cantando ao longe e gaviões saindo em busca da caça diária. O padre me olhava sem qualquer expressão, um olhar muito parecido ao de Mme. Lourdes depois que eu havia falado a Palavra Antiga.

Finalmente, depois de um longo e constrangedor silêncio, o Padre Jordi falou.

– Parece que você galgou os degraus da Tradição cedo demais, meu caro.

Respondi que já tinha 38 anos, e havia sido bem sucedido em todas as ordálias. 1

– Menos uma, a última e a mais importante – disse ele, continuando a me fitar de modo inexpressivo. – E sem essa, tudo que você aprendeu não significa mais nada.

– É por isso que estou fazendo o Caminho de Santiago.

– O que não é uma garantia de nada. Venha comigo.

Petrus ficou no jardim e eu segui o Padre Jordi. Cruzamos os claustros, passamos pelo local onde estava enterrado um rei – Sancho El Fuerte – e fomos parar numa pequena capela, retirada do grupo de edifícios principais que compunham o mosteiro de Roncesvalles.

Lá dentro não havia quase nada. Apenas uma mesa, um livro, e uma espada. Mas não era a minha.

O Padre Jordi sentou-se atrás da mesa, deixando-me de pé. Depois pegou algumas ervas e ateou fogo, enchendo o ambiente de perfume. Cada vez mais, a situação me lembrava o encontro com Mme. Lourdes.

– Primeiro, vou lhe dar um alerta – disse o Pe. Jordi. – A Rota Jacobea é apenas um dos quatro caminhos. É o Caminho da Espada. Ele pode lhe trazer Poder, mas isto não é o suficiente.

– Quais são os outros três?

– Você conhece pelo menos mais dois: O Caminho de Jerusalém, que é o caminho de Copas, ou do Graal, e lhe trará a capacidade de fazer milagres; e o Caminho de Roma, o caminho de Paus, que lhe permite a comunicação com os outros mundos.

– Fica faltando o caminho de Ouros, para completar os quatro naipes do baralho – eu brinquei. E o Padre Jordi riu.

– Exatamente. Este é o caminho secreto e que, se você realizar algum dia, não poderá contar para ninguém. Por enquanto vamos deixar isto de lado. Onde estão suas vieiras?

Abri a mochila e tirei as conchas com a imagem de N. Sra. Aparecida. Ele as colocou sobre a mesa. Estendeu as mãos sobre elas e começou a concentrar-se. Pedeu-me que fizesse o mesmo. O perfume no ar estava cada vez mais intenso. Tanto o padre como eu estávamos de olhos abertos, e de repente eu pude perceber que estava acontecendo o mesmo fenômeno que havia visto em Itatiaia: as conchas brilhavam com a luz que não ilumina. O brilho foi ficando cada vez mais intenso, e eu ouvi uma voz misteriosa, saindo da garganta do padre Jordi, falar:

– Aonde estiver teu tesouro, ali estará o teu coração.

Era uma frase da Bíblia. Mas a voz continuou:

– E onde estiver teu coração, ali estará o berço da Segunda Vinda de Cristo; como estas conchas, o peregrino na Rota Jacobea é apenas a casca. Rompendo-se a casca, que é de Vida, aparece a Vida, que é feita de Agape.

Ele tirou as mãos e as conchas pararam de brilhar. Depois escreveu meu nome no livro que estava em cima da mesa. Em todo o Caminho de Santiago, eu vi apenas três livros onde meu nome foi escrito: o de Mme. Lourdes, o do Padre Jordi, e o livro do Poder, onde mais tarde eu mesmo iria escrever o meu nome.

– Está acabado – disse ele. – Pode partir com a bênção da Virgem de Roncesvalles e de São Tiago da Espada.

– A rota jacobea está marcada por pontos amarelos, pintados através de toda a Espanha – disse o padre, enquanto voltávamos para o lugar onde havia ficado Petrus. Se em algum momento você se perder, procure estas marcas – nas árvores, nas pedras, nos marcos de sinalização – e será capaz de encontrar um lugar seguro.

– Eu tenho um bom guia.

– Mas procure contar, principalmente, com você mesmo. Para não ficar indo e voltando durante seis dias pelos Pirineus.

Então o padre já sabia da história.

Chegamos junto de Petrus e nos despedimos. Saímos de Roncesvalles de manhã, e a neblina já havia desaparecido por completo. Um caminho reto e plano se estendia a nossa frente, e eu comecei a reparar nas marcas amarelas que o Pe. Jordi havia falado. A mochila estava um pouco mais pesada porque eu havia comprado uma garrafa de vinho na taberna, apesar de Petrus me dizer que isto era desnecessário. A partir de Roncesvalles, centenas de cidadezinhas iriam se estendendo pelo caminho e muito poucas vezes eu iria dormir ao relento.

– Petrus, o padre Jordi falou da Segunda Vinda de Cristo como se fosse algo que estivesse acontecendo.

– E está sempre acontecendo. Este é o segredo da tua espada.

– Além disso, você falou que eu ia me encontrar com um bruxo e eu me encontrei com um padre. O que tem a ver a Magia com a Igreja Católica?

Petrus disse apenas uma palavra.

– Tudo.

A CRUELDADE

– Ali, exatamente naquele local, o Amor foi assassinado – disse o velho camponês, apontando para uma pequena ermida encravada nas rochas.

Tínhamos caminhado durante cinco dias seguidos, parando apenas para comer e dormir. Petrus continuava bastante reservado sobre sua vida particular, mas indagava muito sobre o Brasil e sobre meu trabalho. Disse que gostava muito do meu país, porque a imagem que ele mais conhecia era o Cristo Redentor no Corcovado, de braços abertos, e não torturado numa cruz. Queria saber tudo e volta e meia me perguntava se as mulheres eram tão bonitas como as daqui. O calor durante o dia era quase insuportável, e em todos os bares e cidadezinhas que chegávamos, as pessoas reclamavam da seca. Por causa do calor, deixamos de andar entre as duas e quatro horas da tarde – quando o sol estava mais quente – e nos adaptamos ao costume espanhol da siesta.

Naquela tarde, enquanto descansávamos no meio de uma plantação de olivas, um velho camponês havia se aproximado e nos oferecido um gole de vinho. Mesmo com o calor, o hábito do vinho fazia parte há séculos da vida dos habitantes daquela região.

– E por que o amor foi assassinado ali? – perguntei, já que o velho estava querendo entabular alguma conversa.

– Faz muitos séculos, uma princesa que fazia o Caminho de Santiago, Felícia de Aquitânia, resolveu renunciar a tudo e ficar morando aqui, quando voltou de Compostela. Era o verdadeiro Amor, porque dividiu os seus bens com os pobres da região e cuidava dos enfermos.

Petrus tinha acendido seu horrível fumo de rolo, mas, apesar do ar indiferente, percebi que estava prestando atenção à história do velho.

“Então seu irmão, o Duque Guillermo, foi mandado pelo pai para levá-la de volta. Mas Felícia recusou. Desesperado, o duque apunhalou-a dentro da pequena ermida que você vê ao longe, e que ela construíra com as próprias mãos, para cuidar dos pobres e louvar a Deus”.

“Depois que caiu em si e percebeu o que havia feito, o Duque foi a Roma pedir perdão ao Papa. Como penitência, o Papa o obrigou a peregrinar até Compostela. Foi então que algo curioso aconteceu: na volta, ao chegar aqui, ele sentiu o mesmo impulso e ficou morando na ermida que a irmã havia construído, cuidando dos pobres até os últimos dias da sua longa vida”.

– Essa é a lei do retorno – riu Petrus. O camponês não entendeu o comentário, mas eu sabia exatamente o que ele estava dizendo. Enquanto andávamos, havíamos nos envolvido em longas discussões teológicas sobre a relação de Deus com os homens. Eu havia argumentado que na Tradição existe sempre um envolvimento com Deus, mas o caminho era completamente distinto daquele que estávamos seguindo na rota jacobea – com padres bruxos, ciganos endemoninhados, e santos milagreiros. Tudo aquilo me parecia muito primitivo, ligado demais ao cristianismo, e sem o fascínio e o êxtase que os Rituais da Tradição eram capazes de provocar em mim. Petrus sempre falava que o Caminho de Santiago é um caminho por onde qualquer pessoa pode passar, e só um caminho deste tipo pode levar até Deus.

– Você acha que Deus existe e eu também acho – havia falado Petrus. – Então, Deus existe para nós. Mas se alguém não crê nele, ele não deixa de existir, mas nem por isso a pessoa que não crê está errada.

– Então Deus está limitado ao desejo e ao poder do homem?

– Certa vez tive um amigo que vivia bêbado, mas que rezava toda noite três Ave-Marias porque sua mãe lhe havia condicionado desde pequenino. Mesmo quando chegava em casa na maior embriaguez, mesmo sem acreditar em Deus, meu amigo sempre rezava as três Ave-Marias. Quando morreu, em um Ritual da Tradição, perguntei ao espírito dos Antigos onde estava este meu amigo. O espírito dos Antigos respondeu que ele estava muito bem, cercado de luz. Sem ter tido fé durante a vida, a sua obra – que consistia apenas das três orações rezadas por obrigação e automaticamente – o havia salvado.

“Deus já esteve presente nas cavernas e nos trovões de nossos antepassados; depois que o homem descobriu que estas coisas eram fenômenos naturais, ele passou a habitar alguns animais e bosques sagrados. Houve uma época em que existiu apenas nas catacumbas das grandes cidades da História Antiga. Mas durante todo este tempo ele não deixou de fluir no coração do homem sob a forma de Amor.”

– Hoje em dia Deus é apenas um conceito, quase provado cientificamente. Mas quando chega a este ponto, a História dá uma volta e começa tudo de novo. A Lei do Retorno. Quando o Pe. Jordi citou a frase de Cristo, dizendo que onde estivesse o seu tesouro também ali estaria o seu coração, ele estava se referindo exatamente a isto. Onde você desejar ver a face de Deus, você a verá. E se não quiser vê-la, isto não faz a mínima diferença, desde que sua obra seja boa. Quando Felícia de Aquitânia construiu a ermida e passou a ajudar os pobres, ela esqueceu o Deus do Vaticano, e passou a manifestá-lo em sua maneira mais primitiva e mais sábia: o Amor. Neste ponto, o camponês tem toda razão em dizer que o Amor foi assassinado.

O camponês, aliás, estava muito pouco a vontade, incapaz de acompanhar nossa conversa.

– A Lei do Retorno funcionou quando o seu irmão foi forçado a continuar a obra que havia interrompido. Tudo é permitido, menos interromper uma manifestação de Amor. Quando isto acontece, quem tentou destruir é obrigado a reconstruir de novo.

Expliquei que no meu país a Lei do Retorno dizia que as deformidades e as doenças dos homens eram castigos por erros cometidos em reencarnações passadas.

– Tolice – disse Petrus. – Deus não é vingança, Deus é Amor. Sua única punição consiste em obrigar alguém que interrompeu uma obra de Amor a continuá-la.

O camponês pediu licença, disse que estava tarde e que precisava voltar ao trabalho. Petrus achou um bom pretexto para nos levantarmos e continuar a caminhada.

– Isto é jogar conversa fora – disse ele enquanto seguíamos pelo campo de oliveiras. – Deus está em tudo que nos cerca, e deve ser pressentido, vivido, e eu estou aqui tentando transformá-lo num problema de lógica para que você compreenda. Continue fazendo o exercício de andar devagar, e você irá tomar conhecimento, cada vez mais, da presença dele.

Dois dias depois tivemos que subir um monte chamado de Alto do Perdão. A subida demorou várias horas e, quando chegamos lá em cima, vi uma cena que me chocou; um grupo de turistas, com o rádio dos carros a todo volume, tomavam banho de sol e bebiam cervejas. Tinham aproveitado uma estrada vicinal que levava até o alto do monte.

– É assim mesmo – disse Petrus. – Ou você acha que ia encontrar aqui em cima um dos guerreiros de El Cid vigiando o próximo ataque dos mouros?

Enquanto descíamos, realizei pela última vez o Exercício da Velocidade. Estávamos diante de mais uma planície imensa, ladeada por montes azulados e com uma vegetação rasteira queimada pela seca. Não havia quase árvores, apenas um terreno pedregoso com alguns espinheiros. No final do exercício, Petrus me perguntou alguma coisa sobre meu trabalho, e só então eu me dei conta que há muito tempo não pensava nisto. Minhas preocupações com os negócios, com o que tinha deixado por fazer, tinha praticamente deixado de existir. Só me lembrava destas coisas à noite, e mesmo assim não dava muita importância. Estava contente de estar ali, fazendo o caminho de Santiago.

– Qualquer hora você vai fazer que nem Felícia de Aquitânia – brincou Petrus depois que comentei com ele o que estava sentindo. Depois, parou e pediu que eu deixasse a mochila no chão.

– Olhe em volta e fixe sua visão em um ponto qualquer – disse.

Eu escolhi a cruz de uma igreja que conseguia ver ao longe.

– Mantenha seus olhos fixos neste ponto, e procure concentrar-se apenas no que eu vou lhe falar. Mesmo que você sinta qualquer coisa diferente, não se distraia. Faça como estou dizendo.

Fique em pé, relaxado, com os olhos fixos na torre, enquanto Petrus colocou-se por detrás de mim e comprimiu um dedo na base da minha nuca.

– O caminho que você está fazendo é o caminho do Poder, e só os exercícios de Poder lhe serão ensinados. A viagem, que antes era uma tortura porque você queria apenas chegar, agora começa a transformar-se em prazer, no prazer da busca e da aventura. Com isto você está alimentando uma coisa muito importante, que são seus sonhos.

“O homem nunca pode parar de sonhar. O sonho é o alimento da alma, como a comida é o alimento do corpo. Muitas vezes, em nossa existência, vemos nossos sonhos desfeitos e nossos desejos frustrados, mas é preciso continuar sonhando, senão nossa alma morre e Ágape não penetra nela. Muito sangue já rolou no campo diante dos seus olhos, e aí foram travadas algumas das batalhas mais cruéis da Reconquista. Quem estava com a razão, ou com a verdade, não tem importância: o importante é saber que ambos os lados estavam combatendo o Bom Combate.

“O Bom Combate é aquele que é travado porque o nosso coração pede. Nas épocas heróicas, no tempo dos cavaleiros andantes, isto era fácil, havia muita terra para conquistar e muita coisa para fazer. Hoje em dia, porém, o mundo mudou muito, e o Bom Combate foi transportado dos campos de batalha para dentro de nós mesmos.

“O Bom Combate é aquele que é travado em nome de nossos sonhos. Quando eles explodem em nós com todo o seu vigor – na juventude – nós temos muita coragem, mas ainda não aprendemos a lutar. Depois de muito esforço, terminamos aprendendo a lutar, e então já não temos a mesma coragem para combater. Por causa disto, nos voltamos contra nós e combatemos a nós mesmos, e passamos a ser nosso pior inimigo. Dizemos que nossos sonhos eram infantis, difíceis de realizar, ou fruto de nosso desconhecimento das realidades da vida. Matamos nossos sonhos porque temos medo de combater o Bom Combate.

A pressão do dedo de Petrus na minha nuca tornou-se mais intensa. Eu julguei que a torre da igreja se transformava – o contorno da cruz estava parecendo um homem de asas. Um anjo. Pisquei os olhos e a cruz voltou a ser o que era.

– O primeiro sintoma de que estamos matando nossos sonhos é a falta de tempo – continuou Petrus. – As pessoas mais ocupadas que conheci na minha vida sempre tinham tempo para tudo. As que nada faziam estavam sempre cansadas, não davam conta do pouco trabalho que precisavam realizar, e se queixavam constantemente que o dia era curto demais. Na verdade, elas tinham medo de combater o Bom Combate.

“O segundo sintoma da morte de nossos sonhos são nossas certezas. Porque não queremos olhar a vida como uma grande aventura a ser vivida, passamos a nos julgar sábios, justos e corretos no pouco que pedimos da existência. Olhamos para além das muralhas do nosso dia-dia e ouvimos o ruído de lanças que se quebram, o cheiro de suor e de pólvora, as grandes quedas e os olhares sedentos de conquista dos guerreiros. Mas nunca percebemos a alegria, a imensa Alegria que está no coração de quem está lutando, porque para estes não importa nem a vitória nem a derrota, importa apenas combater o Bom Combate.

Finalmente, o terceiro sintoma da morte de nossos sonhos é a Paz. A vida passa a ser uma tarde de Domingo, sem nos pedir grandes coisas, e sem exigir mais do que queremos dar. Achamos então que estamos maduros, deixamos de lado as fantasias da infância, e conseguimos nossa realização pessoal e profissional. Ficamos surpresos quando alguém de nossa idade diz que quer ainda isto ou aquilo da vida. Mas na verdade, no íntimo de nosso coração, sabemos que o que aconteceu foi que renunciemos à luta por nossos sonhos, a combater o Bom Combate.

A torre da igreja transformava-se a toda hora, e em seu lugar parecia surgir um anjo, com asas abertas. Por mais que eu piscasse, a figura permanecia lá. Tive vontade de falar com Petrus, mas senti que ele ainda não havia acabado.

– Quando renunciemos aos nossos sonhos e encontramos a paz – disse ele depois de um tempo – temos um pequeno período de tranquilidade. Mas os sonhos mortos começam a apodrecer dentro de nós, e infestar todo o ambiente em que vivemos. Começamos a nos tornar cruéis com aqueles que nos cercam, e finalmente passamos a dirigir esta crueldade contra nós mesmos. Surgem as doenças e as psicoses. O que queríamos evitar no combate – a decepção e a derrota – passa a ser o único legado de nossa covardia. E um belo dia, os sonhos mortos e apodrecidos tornam o ar difícil de respirar e passamos a desejar a morte, a morte que nos livrasse de nossas certezas, de nossas ocupações, e daquela terrível paz das tardes de domingo.

Agora eu tinha certeza de que estava vendo mesmo um anjo, e não consegui mais seguir as palavras de Petrus. Ele deve ter percebido isto, pois tirou o dedo da minha nuca e parou de falar. A imagem do anjo permaneceu por alguns instantes, e depois desapareceu. Em seu lugar, surgiu novamente a torre da igreja.

Ficamos alguns minutos em silêncio. Petrus enrolou um ci-garro e começou a fumar. Eu tirei da mochila uma garrafa de vinho e bebi um gole. Estava quente, mas o sabor continuava o mesmo.

– O que você viu? – perguntou ele.

Eu contei a história do anjo. Disse que no começo, quando piscava, a imagem desaparecia.

– Também você tem que aprender a combater o Bom Combate. Já aprendeu a aceitar as aventuras e os desafios da vida, mas continua querendo negar o extraordinário.

Petrus tirou da mochila um pequeno objeto e me entregou. Era um alfinete de ouro.

– Isto é um presente de meu avô. Na Ordem de RAM, todos os Antigos possuíam um objeto como este. Chama-se “O Ponto da Crueldade”. Quando você viu o anjo aparecer na torre da igreja, quis negá-

lo. Porque não era uma coisa com a qual você estivesse acostumado. Na sua visão de mundo, as igrejas são igrejas e as visões só podem acontecer nos extases provocados pelos Rituais da Tradição.

Eu respondi que minha visão deve ter sido efeito da pressão que ele exercia na minha nuca.

– Está certo, mas não muda nada. O fato é que você rejeitou a visão. Felícia de Aquitânia deve ter visto algo semelhante, e apostou toda a sua vida no que viu: o resultado é que transformou sua obra em Amor. O mesmo deve ter acontecido com seu irmão. E o mesmo acontece com todo mundo, todos os dias: vemos sempre o melhor caminho a seguir, mas só andamos pelo caminho que estamos acostumados.

Petrus recomeçou a caminhar, e eu o segui. Os raios de sol faziam brilhar o alfinete na minha mão.

– A única maneira de salvarmos nossos sonhos, é sendo generosos conosco mesmos.

Qualquer tentativa de autopunição – por mais sutil que seja, deve ser tratada com rigor. Para saber quando estamos sendo cruéis conosco mesmos, temos que transformar em dor física qualquer tentativa de dor espiritual: como culpa, remorso, indecisão, covardia. Transformando uma dor espiritual em dor física, saberemos o mal que ela pode nos causar.

E Petrus me ensinou O EXERCÍCIO DA CRUELDADE.

O EXERCÍCIO DA CRUELDADE

Toda vez que um pensamento que você acha que lhe faz mal passar-lhe pela cabeça – ciúme, autopiedade, sofrimentos de amor, inveja, ódio, etc – proceder da seguinte maneira:

Cravar a unha do indicador na raiz da unha do polegar, até que a dor seja bem intensa. Concentre-se na dor: ela está refletindo no campo físico o mesmo sofrimento que você está tendo no campo espiritual. Só afrouxe a pressão quando o pensamento lhe sair da cabeça.

Repita quantas vezes for necessário, mesmo que seja uma atrás da outra, até que o pensamento o abandone. Cada vez, o pensamento voltará mais espaçadamente, e sumirá por completo, desde que você não deixe de cravar a unha toda vez que ele voltar.

– Antigamente eles usavam um alfinete de ouro para isto – disse ele. – Hoje em dia as coisas mudaram, como mudam as paisagens no caminho de Santiago.

Petrus tinha razão. Visto de baixo, a planície parecia uma série de morros à minha frente.

– Pense em algo cruel que você fez hoje consigo mesmo, e execute o exercício.

Eu não conseguia me lembrar de nada.

– Sempre é assim. Só conseguimos ser generosos conosco nas poucas horas que precisamos de severidade.

De repente eu me lembrei que havia me julgado um idiota por subir o Alto do Perdão com tanta dificuldade, enquanto aqueles turistas tinham conseguido o caminho mais fácil. Sabia que não era verdade, que eu estava sendo cruel comigo mesmo; os turistas estavam em busca de sol, e eu estava em busca de minha espada. Eu não era um idiota e bem podia me sentir como tal. Cravei com força a unha do indicador na raiz da unha do polegar. Senti uma dor intensa, e enquanto me concentrava na dor, a sensação de que era um idiota passou.

Comentei com Petrus e ele riu sem dizer nada.

Aquela noite ficamos num aconchegante hotel da tal cidadezinha cuja igreja eu havia visto de longe. Depois do jantar, resolvemos dar um passeio pelas ruas, para fazer a digestão.

– De todas as maneiras que o homem encontrou para fazer mal a si mesmo, a pior delas foi o Amor. Estamos sempre sofrendo por alguém que não nos ama, por alguém que nos deixou, por alguém que não quer nos deixar. Se estamos solteiros é porque ninguém nos quer, se estamos casados transformamos o casamento em escravidão. Que coisa terrível – completou mal-humorado.

Chegamos em frente a uma pequena praça, aonde estava a igreja que eu havia visto. Era pequena, sem grandes sofisticções arquitetônicas, e seu campanário elevava-se para o céu. Tentei ver de novo o anjo e não consegui nada.

Petrus ficou olhando a cruz lá em cima. Pensei que estivesse vendo o anjo, mas não: logo começou a falar comigo.

– Quando o Filho do Pai desceu à terra, ele trouxe o Amor. Mas como a humanidade só consegue entender o amor com sofrimento e sacrifício, terminaram por crucificá-lo. Se não fosse assim, ninguém acreditaria em seu amor, já que todos estavam acostumados a sofrer diariamente com suas próprias paixões.

Sentamos no meio-fio e continuamos a olhar a igreja. Mais uma vez foi Petrus quem quebrou o silêncio.

– Sabe o que quer dizer Barrabás, Paulo? Bar quer dizer filho, e Abba quer dizer pai.

Ele olhava fixamente para a cruz no campanário. Seus olhos brilhavam, e senti que estava possuído por alguma coisa, talvez por este amor do qual falava tanto, mas que eu não conseguia entender direito.

– Como são sábios os desígnios da glória divina! – disse, fazendo com que sua voz ecoasse pela praça vazia. – Quando Pilatos pediu que o povo escolhesse, na verdade não lhe deu opção. Mostrou um homem flagelado, em pedaços, e outro homem de cabeça erguida, Barrabás, o revolucionário. Deus sabia que o povo ia enviar o mais fraco para a morte, para que ele pudesse provar seu amor.

E concluiu:

– E, no entanto, fosse qual fosse a escolha, o Filho do Pai é que terminaria sendo crucificado.

O MENSAGEIRO

“E aqui, todos os caminhos de Santiago se transformam em um só.”

Era de manhã bem cedinho quando chegamos a Puente de La Reina. A frase estava escrita na base de uma estátua – um peregrino em trajes medievais, com chapéu de três bicos, capa, vieiras, o cajado com a cabaça na mão – e lembrava a epopéia de uma viagem já quase esquecida, que eu e Petrus estávamos revivendo agora.

Tínhamos passado a noite anterior num dos muitos conventos que se estendiam por todo o Caminho. O Irmão Porteiro, que hos havia recebido, avisou que não podíamos trocar qualquer palavra dentro dos muros da abadia. Um frade jovem conduziu cada um para sua alcova, onde havia estritamente o necessário: uma cama dura, lençóis velhos mas limpos, uma jarra de água e uma bacia para a higiene pessoal. Não havia encanamento nem água quente, e o horário das refeições estava marcado atrás da porta.

Na hora indicada, descemos para o refeitório. Por causa do voto de silêncio, os monges comunicavam-se apenas com os olhares, e tive a impressão de que seus olhos brilhavam mais que os de uma pessoa comum. A ceia foi servida cedo, nas mesas compridas onde nos havíamos sentado junto com os monges de hábitos marrons. Do lugar onde estava, Petrus me fez um sinal e eu entendi perfeitamente o que queria dizer: estava louco para acender um cigarro, mas pelo visto ia passar a noite inteira sem satisfazer o seu desejo. O mesmo acontecia comigo, e eu cravei a unha na raiz do polegar já quase em carne viva. O momento era belo demais para cometer qualquer crueldade comigo mesmo.

O jantar foi servido: sopa de legumes, pão, peixe e vinho. Todos rezaram e nós acompanhamos a prece. Depois, enquanto comíamos, um monge leitor dizia em voz monótona trechos de uma epístola de Paulo.

– Deus escolheu as coisas loucas do mundo para envergonhar os sábios, e escolheu as coisas fracas do mundo para humilhar os fortes – dizia o monge com sua voz fina e sem inflexões. – Nós somos loucos por causa de Cristo. Até agora chegamos a ser considerados o lixo do mundo, a escória de todos. Entretanto, o Reino de Deus consiste não em palavras, mas em Poder.

As admoestações de Paulo aos Coríntios ecoaram durante toda a refeição pelas paredes nuas do refeitório.

Entramos em Puente de La Reina conversando sobre os monges da noite anterior. Eu confessei a Petrus que havia fumado escondido no quarto, morto de medo que alguém sentisse o cheiro de tabaco. Ele riu e percebi que deve ter feito o mesmo.

– São João Batista foi para o deserto, mas Jesus juntou-se aos pecadores e vivia viajando – disse. – Prefiro assim.

De fato, afora o tempo passado no deserto, o resto da vida de Cristo foi entre os homens.

– Inclusive, seu primeiro milagre não foi salvar a alma de alguém, nem curar uma doença ou expulsar demônio; foi transformar água em vinho excelente num casamento, porque a bebida do dono da casa havia acabado.

Quando acabou de dizer isto, ele parou de repente. Seu movimento foi tão brusco que eu parei também, assustado. Estávamos diante da ponte que dá seu nome à cidadezinha. Petrus, porém, não olhava para o caminho que tínhamos que cruzar. Seus olhos estavam fixos em dois meninos, que brincavam com uma bola de borracha na margem do rio. Deviam ter entre oito e dez anos, e pareciam não haver notado nossa presença. Ao invés de cruzar a ponte, Petrus desceu o barranco e chegou perto dos dois garotos. Eu, como sempre, o segui sem perguntar nada.

Os meninos continuaram ignorando nossa presença. Petrus sentou-se e ficou acompanhando a brincadeira, até que a bola caiu perto de onde ele estava. Num movimento rápido, pegou a bola e atirou-a para mim.

Segurei a bola de borracha no ar e fiquei esperando o que ia acontecer.

Um dos meninos – que parecia o mais velho – aproximou-se. Meu primeiro impulso foi devolver-lhe a bola, mas o comportamento de Petrus havia sido tão extravagante que resolvi tentar saber o que estava acontecendo.

– Me dá a bola, moço – disse o garoto.

Olhei aquela figura pequena, a dois metros na minha frente. Percebi que havia algo de familiar no menino, o mesmo sentimento que eu havia tido, quando encontrei o cigano.

O garoto insistiu algumas vezes e, vendo que eu não respondia nada, abaixou-se e pegou uma pedra.

– Me dá a bola ou eu vou lhe jogar esta pedra – disse ele.

Petrus e o outro menino me observavam, em silêncio. A agressividade do garoto me irritou.

– Jogue a pedra – respondi – Se ela me acertar, vou até aí e lhe dou uma surra.

Senti que Petrus respirou aliviado. Alguma coisa começava a querer surgir nos subterrâneos da minha cabeça. Tinha a nítida sensação de que já havia vivido aquela cena.

O garoto ficou assustado com as minhas palavras. Largou a pedra no chão e tentou de outro modo.

– Aqui em Puente de La Reina existe um relicário que pertenceu a um peregrino muito rico. Vejo pela concha e sua mochila que os senhores também são peregrinos. Se devolver minha bola, eu lhe dou este relicário. Ele está escondido na areia, aqui nas margens do rio.

– Eu quero a bola – respondi sem muita convicção. Na verdade, eu queria mesmo era o relicário. O garoto parecia estar falando a verdade. Mas talvez Petrus precisasse daquela bola para alguma coisa, e eu não podia decepcioná-lo; ele era o meu guia.

– Moço, o senhor não precisa desta bola – disse o garoto, quase com lágrimas nos olhos. – O senhor é forte, viajado, e conhece o mundo. Eu só conheço as margens deste rio e meu único brinquedo é esta bola. Me devolva a bola, por favor.

As palavras do garoto tocaram fundo no meu coração. Mas o ambiente, estranhamente familiar, a sensação de que já tinha lido ou vivido aquela situação, me fez resistir mais uma vez.

– Não. Eu preciso desta bola. Vou lhe dar dinheiro para comprar outra, mais bonita que esta, mas esta aqui é minha.

Quando acabei de dizer isto, o tempo pareceu parar. A paisagem a minha volta se transformou, sem que Petrus estivesse pressionando o dedo na base da minha nuca: por uma fração de segundo, parecia que tínhamos sido transportados a um longo e aterrorizante deserto cinzento. Ali não estavam nem Petrus nem o outro garoto, apenas eu e o menino à minha frente. Que era mais velho, tinha feições simpáticas e amigas, mas em seus olhos brilhava alguma coisa que me dava medo.

A visão não durou mais que um segundo. No momento seguinte eu estava de volta a Puente de La Reina, onde os muitos caminhos de Santiago, vindo de diversos pontos da Europa, se transformavam em um só. Na minha frente, um menino pedia uma bola, e tinha o olhar doce e triste.

Petrus se aproximou; tirou a bola de minha mão e a devolveu para o garoto.

– Onde está o relicário escondido? – perguntei ao menino.

– Que relicário? – o menino respondeu, enquanto pegava seu amigo pelas mãos e corria para longe de nós, atirando-se na água.

Subimos de novo o barranco e finalmente cruzamos a ponte. Eu comecei a fazer perguntas sobre o que tinha acontecido, falei da visão do deserto, mas Petrus mudou de assunto e disse que íamos conversar sobre isto quando estivéssemos um pouco longe dali.

Meia hora depois chegamos a um trecho do caminho que ainda conservava vestígios do calçamento romano. Ali havia outra ponte, em ruínas, e nos sentamos para tomar o café da manhã que nos fôra dado pelos monges: pão de centeio, iogurte, e queijo de cabra.

– Para que você queria a bola do garoto? perguntou Petrus.

Respondi que não queria a bola. Que tinha agido assim porque ele, Petrus, havia se comportado de maneira estranha. Como se a bola fosse algo muito importante para ele.

– E de fato foi. Fez com que você travasse um contato vitorioso com seu demônio pessoal.

Meu demônio pessoal? Eu nunca tinha ouvido semelhante absurdo em toda aquela caminhada. Tinha passado seis dias indo e voltando dos Pirineus, tinha conhecido um padre bruxo que não havia feito nenhuma bruxaria, e meu dedo estava em carne viva porque sempre que pensava alguma coisa cruel comigo mesmo – hipocondria, sentimento de culpa, complexo de inferioridade – eu era obrigado a cravar minha unha na ferida. Neste ponto, Petrus tinha razão: os pensamentos negativos haviam diminuído consideravelmente. Mas esta história de demônio pessoal era algo que eu nunca havia ouvido falar antes. E que não ia engolir com muita facilidade.

– Hoje, antes de cruzar a ponte, senti intensamente a presença de alguém, tentando nos dar um aviso. Mas o aviso era mais para você que para mim. Uma luta se aproxima rápido, e você precisa combater o Bom Combate.

“Quando não se conhece o demônio pessoal, ele costuma manifestar-se na pessoa mais próxima. Olhei em volta e vi os meninos brincando – e deduzi que era ali que ele deveria dar seu aviso. Mas

eu estava apostando apenas num palpite. Só tive certeza de que era seu demônio pessoal, quando você se recusou a devolver a bola.”

Eu disse que tinha feito isto porque pensava que era isto que ele queria.

– Por que eu? Em momento algum eu disse qualquer coisa.

Comecei a me sentir um pouco tonto. Talvez fosse a comida, que eu estava devorando vorazmente depois de quase uma hora caminhando em jejum. Ao mesmo tempo, a sensação de que o garoto me era familiar não me saía da cabeça.

– Seu demônio pessoal o tentou de três maneiras clássicas: com uma ameaça, com uma promessa, e com seu lado frágil. Meus parabéns: você resistiu bravamente.

Agora eu me lembrava que Petrus havia perguntado para o garoto sobre o relicário. Na hora eu tinha pensado que o menino havia tentado me enganar. Mas devia haver mesmo um relicário ali escondido – um demônio nunca faz promessas falsas.

– Quando o garoto não conseguiu mais lembrar-se do relicário, é que seu demônio pessoal já havia partido.

E disse sem piscar:

– É hora de chamá-lo de volta. Você vai precisar dele.

Estávamos sentados na velha ponte em ruínas. Petrus juntou cuidadosamente os restos de comida, guardando tudo dentro do saco de papel que os monges nos tinham dado. No campo a nossa frente, os trabalhadores começavam a chegar para a lavoura, mas estavam tão distantes que eu não conseguia ouvir o que diziam. O terreno era todo ondulado, e as terras cultivadas formavam misteriosos desenhos na paisagem. Sob nossos pés, o curso de água, quase morto pela seca, não fazia muito barulho.

– Antes de sair pelo mundo, Cristo foi conversar com seu demônio pessoal no deserto – começou Petrus. – Aprendeu o que precisava saber sobre o homem, mas não deixou que o demônio ditasse a regra do jogo, e desta maneira o venceu.

“Certa vez, um poeta disse que nenhum homem era uma ilha. Para combater o Bom Combate, precisamos de ajuda. Precisamos de amigos, e quando os amigos não estão por perto, temos que transformar a solidão em nossa principal arma. Tudo que nos cerca precisa nos ajudar a dar os passos que precisamos em direção ao nosso objetivo. Tudo tem que ser uma manifestação pessoal de nossa vontade de vencer o Bom Combate. Sem isto, sem perceber que precisamos de todos e de tudo, seremos guerreiros arrogantes. E nossa arrogância nos derrotará no final, porque vamos estar de tal modo seguros de nós mesmos que não vamos perceber as armadilhas do campo de batalha.”

A história de guerreiros e de combates me lembrou mais uma vez o Don Juan de Carlos Castañeda. Eu me perguntei se o velho bruxo índio costumava dar lições de manhã, antes que seu discípulo pudesse digerir o desjejum. Mas Petrus continuou.

– Além das forças físicas que nos cercam e nos ajudam, existem basicamente duas forças espirituais ao nosso lado: um anjo e um demônio. O anjo nos protege sempre, e isto é um dom divino – não é necessário invocá-lo. A face do seu anjo está sempre visível quando você vê o mundo com os olhos belos. Ele é este riacho, os trabalhadores no campo, este céu azul. Aquela velha ponte que nos ajuda a atravessar a água, e que foi colocada aqui por mãos anônimas de legionários romanos, também nesta ponte está a face do teu anjo. Nossos avós o conheciam por anjo guardião, anjo da guarda, anjo custódio.

“O demônio também é um anjo, mas é uma força livre, rebelde. Prefiro chamá-lo de Mensageiro, já que ele é o principal elo de ligação entre você e o mundo. Na Antigüidade era representado por Mercúrio, por Hermes Trimesgisto, o Mensageiro dos Deuses. Sua atuação é apenas no plano material. Está presente no ouro da Igreja, porque o ouro vem da terra e a terra é seu domínio. Está presente no nosso trabalho e na nossa relação com o dinheiro. Quando o deixamos solto, sua tendência é dispersar-se. Quando o exorcisamos, perdemos tudo de bom que ele sempre tem para nos ensinar, pois conhece muito do mundo e dos homens. Quando nos fascinamos pelo seu poder, ele nos possui e nos afasta do Bom Combate.

“Portanto, a única maneira de lidar com nosso Mensageiro é aceitando-o como amigo. Ouvindo seus conselhos, pedindo sua ajuda quando necessária, mas nunca deixando que ele dite as regras. Como você fez com o garoto. Para isto, é necessário, primeiro, que você saiba o que quer, e depois, que você conheça sua face e seu nome.

– Como vou saber isto? – perguntei.

E Petrus me ensinou o RITUAL DO MENSAGEIRO.

O RITUAL DO MENSAGEIRO

1) Sente-se e relaxe completamente. Deixe a mente vagar por onde quiser, o pensamento fluindo sem controle. Depois de algum tempo, comece a repetir para si mesmo: “eu agora estou relaxado, e meus olhos dormem o sono do mundo”.

2) Quando sentir que sua mente não se preocupa mais com nada, imagine uma coluna de fogo à sua direita. Faça as chamas ficarem vivas, brilhantes. Então diga em voz baixa: “eu ordeno que meu subconsciente se manifeste. Ele se abre para mim e revela seus segredos mágicos”. Aguarde um pouco, concentrando-se apenas na coluna de fogo. Se surgir alguma imagem, ela será uma manifestação do seu subconsciente. Procure guardá-la.

3) Mantendo sempre a coluna de fogo à sua direita, comece agora a imaginar outra coluna de fogo à sua esquerda. Quando as chamas estiverem bem vivas, diga em voz baixa as seguintes palavras: “Que a força do Cordeiro, que se manifesta em tudo e em todos, manifeste-se também em mim enquanto invoco o meu Mensageiro. (Nome do Mensageiro) aparecerá para mim agora”.

4) Converse com seu Mensageiro, que deverá manifestar-se entre as duas colunas. Discuta seu problema específico, peça conselhos e lhe dê as ordens necessárias.

5) Quando sua conversa acabar, despeça o Mensageiro com as seguintes palavras: “Agradeço ao Cordeiro o milagre que realizei. Que (nome do Mensageiro) volte sempre que invocado, e enquanto estiver distante, esteja me ajudando a realizar minha obra.”

Nota: Na primeira invocação – ou nas primeiras invocações, dependendo da capacidade de concentrar-se de quem está realizando o Ritual – não se diz o nome do Mensageiro. Diz-se apenas “Ele”. Se o Ritual for bem executado, o Mensageiro deve revelar de imediato seu nome, através de telepatia. Caso contrário, insista até conseguir saber este nome, e só a partir daí comece as conversas. Quanto mais o Ritual for repetido, mais forte será a presença do Mensageiro, e mais rápidas serão suas ações.

– Deixe para realizá-lo à noite, porque é mais fácil. Hoje, no seu primeiro encontro, ele lhe revelará seu nome. Este nome é secreto e não deve jamais ser conhecido por ninguém, nem por mim. Quem souber o nome de seu Mensageiro, pode lhe destruir.

Petrus levantou-se e nós começamos a caminhar. Em pouco tempo chegamos ao campo onde os camponeses trabalhavam a terra. Trocamos alguns “buenos dias” e seguimos caminho.

– Se eu tivesse que utilizar uma imagem, diria que o anjo é a tua armadura, e o Mensageiro a tua espada. Uma armadura protege em qualquer circunstância, mas uma espada pode cair no meio de um combate, matar um amigo, ou voltar-se contra o próprio dono. Alício, uma espada serve para quase tudo, menos para sentar-se em cima dela – disse soltando uma gostosa gargalhada.

Paramos numa aldeia para o almoço, e o rapaz que nos atendeu estava visivelmente de mau-humor. Não respondia nossas perguntas, colocou a comida de qualquer maneira, e no final conseguiu derramar um pouco de café na bermuda de Petrus. Vi então meu guia transformar-se: enfurecido, foi chamar o dono e esbravejava contra a falta de educação do rapaz. Terminou indo ao banheiro colocar sua bermuda sobressalente, enquanto o dono lavava a mancha de café e estendia a peça para secar.

Enquanto esperávamos que o sol das duas da tarde cumprisse seu papel na bermuda de Petrus, eu pensava em tudo aquilo que tínhamos conversado de manhã. É verdade que a maior parte das coisas que Petrus dissera sobre o menino se encaixavam. Além do mais, eu tivera a visão de um deserto e de um rosto. Mas aquela história de Mensageiro me parecia muito primitiva. Estávamos em pleno século XX, e os conceitos de inferno, de pecado e de demônio já não faziam mais o menor sentido para qualquer pessoa um pouquinho mais inteligente. Na Tradição, cujos ensinamentos eu havia seguido durante muito mais tempo que o Caminho de Santiago, o Mensageiro – chamado de demônio mesmo, sem preconceitos – era um espírito que dominava as forças da Terra, e que estava sempre a favor do homem. Era muito utilizado em Operações Mágicas, mas nunca como um aliado e conselheiro para as coisas diárias. Petrus havia deixado entender que eu poderia utilizar a amizade do Mensageiro para melhorar no trabalho e no mundo. Além de profana, a idéia me parecia infantil.

Mas eu havia jurado obediência total à Mme. Lourdes. E mais uma vez tive que cravar a unha na raiz do polegar, em carne viva.

– Não devia ter me exaltado – disse Petrus depois que saímos. – Afinal de contas, ele não derrubou a xícara sobre mim, mas sobre o mundo que odeia. Sabe que existe um mundo gigantesco, além das fronteiras de sua própria imaginação, e sua participação neste mundo se restringe a acordar cedo, ir na padaria, servir quem passa, e masturbar-se de noite, sonhando com mulheres que nunca irá conhecer.

Era hora de pararmos para a siesta, mas Petrus resolveu continuar caminhando. Disse que era uma maneira de fazer penitência pela sua intolerância. Eu, que não tinha feito nada, tive que acompanhá-lo debaixo daquele sol forte. Pensava no Bom Combate e nas milhões de pessoas que, naquele instante, estavam espalhados pelo planeta fazendo coisas que não gostavam. O Exercício da Crueldade, apesar de estar me deixando o dedo em carne viva, estava me fazendo muito bem. Havia me feito perceber como minha mente podia ser traiçoeira, me empurrar para coisas que eu não queria e sentimentos que não me ajudavam. Naquele momento eu torci para que Petrus tivesse razão: para que existisse realmente um Mensageiro, com quem pudesse falar de coisas práticas e pedir ajuda nos assuntos do mundo. Fiquei ansioso para que a noite chegasse.

Petrus, entretanto, não parava de falar sobre o rapaz. Afinal, terminou se convencendo de que tinha agido certo, e utilizou para isto, mais uma vez, um argumento cristão.

– Cristo perdoou a mulher adúltera, mas amaldiçoou a figueira que não quis lhe dar um figo. Eu também não estou aqui para ser sempre bonzinho.

Pronto. Na cabeça dele o assunto estava resolvido. Mais uma vez a Bíblia o havia salvado.

Chegamos à Estella quase nove horas da noite. Tomei um banho, e descemos para jantar. O autor do primeiro guia da Rota Jacobea, Aymeric Picaud, descreveu Estella como “um lugar fértil e de bom pão, ótimo vinho, carne e pescado. Seu tio Ega, tem a água doce, sã e muito boa”. Não bebi a água do rio, mas quanto à mesa, Picaud continuava a ter razão, mesmo depois de oito séculos. Serviram perna de carneiro guisada, corações de alcachofra, e um vinho Rioja de ótima safra. Ficamos à mesa durante longo tempo,

conversando trivialidades e saboreando o vinho. Finalmente, Petrus disse que era uma boa hora para eu ter meu primeiro contato com o Mensageiro.

Levantamos e começamos a andar pelas ruas da cidade. Alguns becos davam diretamente no rio – à maneira de Veneza – e foi num destes becos que eu resolvi me sentar. Petrus sabia que dali por diante era eu que conduzia a cerimônia, e ficou um pouco atrás.

Fiquei olhando o rio durante muito tempo. Suas águas, seu barulho, começaram a me desligar do mundo e a me inspirar uma profunda calma. Fechei os olhos e imaginei a primeira coluna de fogo. Houve um momento de certa dificuldade, mas ela terminou aparecendo.

Disse as palavras rituais e a outra coluna surgiu do meu lado esquerdo. O espaço entre as duas colunas, iluminado pelo fogo, estava completamente vazio. Fiquei durante algum tempo com os olhos fixos naquele espaço, procurando não pensar, para que o Mensageiro se manifestasse. Mas, ao invés disto, começaram a aparecer cenas exóticas – a entrada de uma pirâmide, uma mulher vestida de ouro puro, alguns homens negros dançando em volta de uma fogueira. As imagens iam e vinham em rápida sucessão, e eu deixei que fluíssem sem qualquer controle. Apareceram também muitos trechos do Caminho que eu tinha feito com Petrus. Paisagens, restaurantes, florestas. Até que, sem qualquer aviso, o deserto cinzento que eu vira de manhã estendeu-se entre as duas colunas de fogo. E lá, me olhando, estava o homem simpático com um brilho traiçoeiro nos olhos.

Ele riu e eu sorri em meu transe. Mostrou-me uma bolsa fechada, depois abriu e olhou dentro – mas, da posição em que eu estava não pude ver nada. Então um nome veio à minha cabeça: Astrain. Comecei a mentalizar este nome, e vibrá-lo entre as duas colunas de fogo, e o Mensageiro fez um sinal afirmativo com a cabeça; eu tinha descoberto como se chamava.

Era o momento de encerrar o exercício. Disse as palavras rituais e extingui as colunas de fogo – primeiro a da esquerda, depois a da direita. Abri os olhos e o rio Ega estava diante de mim.

– Foi muito menos difícil do que eu imaginava – disse para Petrus, depois que lhe contei tudo que havia passado entre as colunas.

– Este foi seu primeiro contato. Um contato de reconhecimento mútuo, e de mútua amizade. A conversa com o Mensageiro irá ser produtiva se você invocá-lo todos os dias, discutindo seus problemas com ele, e sabendo distinguir perfeitamente o que é ajuda real do que é armadilha. Mantenha sempre em riste sua espada, quando encontrá-lo.

– Mas eu não tenho espada ainda – respondi.

– Por isso, ele poderá lhe causar muito pouco dano. Mesmo assim, é bom não facilitar.

O Ritual havia acabado, eu me despedi de Petrus e voltei para o hotel. Debaixo dos lençóis, pensava no pobre rapaz que nos havia servido o almoço. Tinha vontade de voltar, de ensinar-lhe o Ritual do Mensageiro, e dizer que tudo podia mudar se ele assim desejasse. Mas era inútil tentar salvar o mundo: eu ainda não havia conseguido sequer salvar a mim mesmo.

O AMOR

– Conversar com o Mensageiro não é ficar perguntando coisas sobre o mundo dos espíritos – disse Petrus no dia seguinte. – O Mensageiro só lhe serve para uma coisa: ajudar no mundo material. E ele só lhe dará esta ajuda se você souber exatamente o que deseja.

Tínhamos parado num povoado para beber alguma coisa. Petrus havia pedido uma cerveja, e eu um refrigerante. O descanso de meu copo era feito de plástico redondo com água colorida dentro. Meus dedos desenhavam figuras abstratas na água, e eu estava preocupado.

– Você me disse que o Mensageiro havia se manifestado no garoto porque precisava me dizer algo.

– Algo urgente – confirmou ele.

Continuamos conversando sobre Mensageiros, anjos e demônios. Era difícil para mim aceitar um uso tão prático dos mistérios da Tradição. Petrus insistia na idéia de que temos sempre que buscar uma recompensa, e eu lembrava que Jesus dissera que os ricos não entrariam no reino dos céus.

– Jesus também recompensou o homem que soube multiplicar os talentos de seu amo. Além disso, não acreditaram nele só porque tinha uma boa oratória: precisou fazer milagres, dar recompensas aos que o seguiam.

– Ninguém vai falar mal de Jesus no meu bar – interrompeu o dono, que estava seguindo nossa conversa.

– Ninguém está falando mal de Jesus – respondeu Petrus. – Falar mal de Jesus é cometer pecados invocando seu nome. Como vocês fizeram aí nesta praça.

O dono do bar vacilou por um instante. Mas logo respondeu:

– Eu não tive nada a ver com isto. Era ainda uma criança.

– Os culpados são sempre os outros – resmungou Petrus. O dono do bar saiu pela porta da cozinha. Perguntei sobre o que estavam falando.

– Fazem cinquenta anos, em pleno século XX, um cigano foi queimado aí em frente.

Acusado de bruxarias e de blasfemar contra a santa hóstia. O caso foi abafado pelas atrocidades da guerra civil espanhola, e ninguém hoje em dia se lembra do assunto. Exceto os habitantes desta cidade.

– Como você sabe disto, Petrus?

– Porque eu já percorri antes o Caminho de Santiago.

Continuamos bebendo no bar vazio. Fazia muito sol lá fora e era hora de nossa “siesta”.

Daqui a pouco o dono do bar voltou com o pároco da aldeia.

– Quem são vocês? – perguntou o padre.

Petrus mostrou a vieira desenhada na mochila. Durante mil e duzentos anos os peregrinos haviam passado pelo caminho em frente ao bar, e a tradição fazia com que cada peregrino fosse respeitado e acolhido em qualquer circunstância. O padre logo mudou de tom.

– Como é que peregrinos a caminho de Santiago falam mal de Jesus? – perguntou, num tom mais de catequese.

– Ninguém aqui estava falando mal de Jesus. Estávamos falando mal dos crimes cometidos em nome de Jesus. Como o cigano que foi queimado na praça.

A vieira na mochila de Petrus mudou também o tom da conversa do dono. Desta vez ele se dirigiu a nós com respeito.

– A maldição do cigano permanece até hoje – disse sob o olhar reprovador do padre.

Petrus insistiu em saber como. O padre disse que eram histórias do povo, sem qualquer apoio da igreja. Mas o dono do bar prosseguiu:

– Antes do cigano morrer, ele disse que a criança mais nova da aldeia iria receber e incorporar seus demônios. Quando esta criança ficasse velha e morresse, os demônios passariam para uma nova criança. E assim, através dos séculos.

– A terra aqui é igual à terra das aldeias ao redor – disse o padre. – Quando eles sofrem a seca, nós sofremos também. Quando lá chove e tem boa colheita, nós também enchemos nossos celeiros. Nada aconteceu conosco que não tivesse também acontecido com as aldeias vizinhas. Esta história toda é uma grande fantasia.

– Nada aconteceu porque nós isolamos a Maldição – disse o dono do bar.

– Pois então, vamos até ela – respondeu Petrus. O padre riu e disse que era assim que se falava. O dono do bar fez o sinal da cruz. Mas nenhum dos dois se moveu.

Petrus pegou a conta e insistiu para que alguém nos levasse até aquela pessoa que tinha recebido a Maldição. O padre desculpou-se, dizendo que precisava voltar até a igreja, pois tinha interrompido um trabalho importante. E saiu antes que algum de nós pudesse dizer qualquer coisa.

O dono do bar olhou com medo para Petrus.

– Não se preocupe – disse meu guia. – Basta nos mostrar a casa onde ele vive. E nós vamos tentar libertar a cidade da Maldição.

O dono do bar saiu conosco para a rua poeirenta e brilhante com o sol quente da tarde.

Caminhamos juntos até a saída do povoado, e ele nos apontou uma casa afastada, nas margens do Caminho.

– Nós sempre mandamos comida, roupas, tudo o que é necessário – desculpou-se. – Mas nem mesmo o padre vai até lá.

Despedimo-nos e caminhamos até a casa. O velho ficou esperando, pensando talvez que fôssemos passar adiante. Mas Petrus foi até a porta da frente e bateu. Quando olhei para trás, o dono do bar havia desaparecido.

Uma mulher de mais ou menos sessenta anos veio abrir a porta. Ao seu lado, um enorme cachorro preto abanava o rabo e parecia contente com a visita. A mulher perguntou o que queríamos: disse que estava ocupada, lavando roupa, e que tinha deixado algumas panelas no fogo. Não pareceu surpresa com a visita. Deduzi que muitos peregrinos, que não sabiam da Maldição, devem ter batido naquela porta em busca de abrigo.

– Somos peregrinos a caminho de Compostela e precisamos de um pouco de água quente – disse Petrus. – Sei que a senhora não irá recusar.

Meio a contragosto, a velha abriu a porta. Entramos numa pequena sala, limpa mas pobremente mobiliada. Havia um sofá com o plástico do forro rasgado, um aparador, e uma mesa de fórmica com duas cadeiras. Em cima do aparador, uma imagem do Sagrado Coração de Jesus, alguns santos e um crucifixo feito de espelhos. Duas portas davam para a saleta: por uma eu podia enxergar o quarto. A mulher conduziu Petrus pela outra, que ia dar na cozinha.

– Tenho um pouco de água fervendo – disse ela. – Vou pegar uma vasilha e vocês podem logo seguir por onde vieram.

Eu fiquei sozinho com o imenso cachorro na sala. Ele abanava o rabo, contente e dócil.

Daqui a pouco a mulher voltou com uma velha lata, encheu-a de água quente, e estendeu para Petrus.

– Pronto. Partam com a bênção de Deus.

Mas Petrus não se moveu. Tirou um saquinho de chá da mochila, colocou dentro da lata, e disse que gostaria de dividir o pouco que tinha com ela, em agradecimento pela acolhida.

A mulher, visivelmente contrariada, trouxe duas xícaras e sentou-se com Petrus na mesa de fórmica. Eu continuei olhando o cachorro, enquanto ouvia a conversa dos dois.

– Disseram-me no povoado que havia uma maldição sobre esta casa – comentou Petrus, num tom corriqueiro. Senti que os olhos do cachorro brilharam, como se tivesse entendido também a conversa. A velha imediatamente pôs-se de pé.

– Isto é mentira! Isto é superstição antiga! Por favor, acabe logo o seu chá que eu tenho muito o que fazer.

O cão sentiu a súbita mudança de humor da mulher. Ficou imóvel em estado de alerta. Mas Petrus continuava com a mesma tranquilidade do início. Colocou lentamente o chá na xícara, levou-a aos lábios, e devolveu à mesa sem beber uma gota.

– Está muito quente – disse. – Vamos esperar que esfrie um pouco.

A mulher não sentou-se mais. Estava visivelmente incomodada com nossa presença, e arrependida de ter aberto a porta. Reparou que eu estava olhando fixamente para o cão, e chamou-o para o seu lado. O animal obedeceu, mas quando chegou perto dela tornou a olhar para mim.

– Foi para isso, meu caro Petrus – falou, olhando para mim. – Foi para isto que seu Mensageiro apareceu ontem na criança.

De repente me dei conta que não era eu quem estava olhando o cão. Desde que havia entrado, aquele animal tinha me hipnotizado e mantido meus olhos fixos no dele. Era o cão que estava me olhando, e fazendo com que eu cumprisse sua vontade. Comecei a sentir uma grande preguiça, uma vontade de dormir naquele sofá rasgado, porque fazia muito calor lá fora e eu não estava com vontade de andar. Tudo aquilo me parecia estranho, e eu tinha a sensação de que estava caindo numa armadilha. O cão me olhava fixamente, e quanto mais me olhava, mais sono eu tinha.

– Vamos, disse Petrus, levantando-se e me estendendo a xícara de chá. – Tome um pouco, porque a senhora deseja que partamos logo.

Eu vacilei, mas consegui pegar a xícara e o chá quente me reanimou. Eu queria dizer alguma coisa, perguntar o nome do animal, mas a minha voz não saía. Alguma coisa dentro de mim havia despertado, algo que Petrus não tinha me ensinado, mas que começava a manifestar-se. Era um desejo incontrollável de falar palavras estranhas, que nem eu mesmo sabia o sentido. Achei que Petrus tinha posto alguma coisa dentro do chá. Tudo começou a ficar distante, e eu tinha apenas a vaga noção de que a mulher dizia para Petrus que tínhamos que ir embora. Senti um estado de euforia, e resolvi dizer em voz alta as palavras estranhas que estavam me passando pela cabeça.

Tudo o que eu podia perceber naquela sala era o cão. Quando comecei a falar aquelas palavras estranhas, que nem eu mesmo entendia, percebi que o cão havia começado a rosnar. Ele estava entendendo. Eu fiquei mais excitado, e continuei a falar cada vez mais alto. O cão levantou-se e mostrou os dentes. Já não era mais o animal dócil que eu havia encontrado na chegada, mas alguma coisa ruim e ameaçadora, que podia me atacar a qualquer momento. Sabia que as palavras me protegiam, e comecei a falar cada vez mais alto, dirigindo toda minha força para o cão, sentindo que dentro de mim havia um poder diferente, e que este poder impedia que o animal me atacasse.

A partir daí, tudo começou a acontecer em câmara lenta. Notei que a mulher se aproximava aos berros de mim e tentava me empurrar para fora, e que Petrus segurava a mulher, mas o cão não dava a menor atenção à briga dos dois. Estava com os olhos fixos em mim, e levantou-se rosnando e mostrando os dentes. Tento compreender a língua estranha que estou falando, mas cada vez que paro para buscar algum sentido, o poder diminui e o cão se aproxima, se torna mais forte. Começo então a gritar sem procurar entender, e a mulher começa a gritar também. O cão ladra e me ameaça, mas enquanto eu continuar falando estarei seguro. Ouço uma grande risada, mas não sei se a risada existe ou é fruto de minha imaginação.

De repente, como se tudo acontecesse ao mesmo tempo, a casa foi invadida por um vento, o cão deu um grande uivo e saltou em cima de mim. Eu levantei o braço para defender o rosto, gritei uma palavra e esperei o impacto.

O cão atirou-se em cima de mim com todo o seu peso, e eu caí no sofá de plástico. Por alguns instantes nossos olhos ficaram fixos um no outro, e, de repente, ele saiu correndo para fora.

Comecei a chorar copiosamente. Lembrei de minha família, de minha mulher e dos meus amigos. Sentia uma gigantesca sensação de amor, uma alegria imensa e absurda, porque ao mesmo tempo eu estava consciente de toda aquela história com o cão. Petrus me pegou por um braço e me conduziu para fora, os dois sendo empurrados pela mulher. Olhei em volta e não havia mais sinal do cachorro. Me abracei a Petrus e continuei chorando, enquanto caminhávamos debaixo do sol.

Não consegui recordar daquela caminhada, e só voltei a mim sentado numa fonte, com Petrus jogando água no meu rosto e na minha nuca. Pedi um gole e ele disse que se bebesse qualquer coisa agora, iria vomitar. Estava um pouco enjoado, mas me sentia bem. Um imenso amor, por tudo e por todos, havia me invadido. Olhei em volta e vi as árvores da beira da estrada, a pequena fonte onde havíamos parado, a brisa fresca e o canto dos passarinhos na mata. Estava vendo o rosto do meu anjo, conforme Petrus havia falado. Perguntei se estávamos longe da casa da mulher. Ele disse que tínhamos andado mais ou menos quinze minutos.

– Você deve estar querendo saber o que aconteceu – disse ele.

Na verdade, isto não tinha a menor importância. Eu estava contente com aquele Amor imenso que havia me invadido. O cachorro, a mulher, o dono do bar, tudo aquilo era uma lembrança distante, que parecia não ter nenhuma relação com o que eu estava sentindo agora. Disse a Petrus que gostaria de caminhar um pouco, porque me sentia bem.

Levantei e retomamos o Caminho de Santiago. Durante o resto da tarde eu não falei quase nada, imerso naquele sentimento agradável que parecia preencher tudo. De vez em quando pensava que Petrus havia colocado alguma droga no chá, mas isto não tinha a menor importância. Importante era ver os montes, os riachos, as flores na estrada, os traços gloriosos do rosto de meu anjo.

Chegamos a um hotel às oito horas da noite, e eu ainda continuava – embora com menor intensidade – naquele estado de beatitude. O dono pediu meu passaporte para o registro, e eu o entreguei.

– Você é do Brasil? Eu já estive lá. Fiquei num hotel na praia de Ipanema.

Aquela frase absurda me devolveu o sentido de realidade. Em plena rota jacobea, numa aldeia construída há muitos séculos atrás, havia um hoteleiro que conhecia a praia de Ipanema.

– Estou pronto para conversar – eu disse a Petrus. – Preciso saber tudo o que aconteceu hoje.

A sensação de beatitude havia passado. Em seu lugar, surgia de novo a Razão, com seus temores do desconhecido, com a urgente e absoluta necessidade de colocar de novo os pés na terra.

– Depois de jantar – respondeu ele.

Petrus pediu para que o dono do hotel ligasse a televisão, mas tirasse o som. Disse que esta era a melhor maneira de eu ouvir tudo sem fazer muitas perguntas, porque parte de mim ia estar olhando para o que se passava na tela. Perguntou até onde eu me lembrava do que tinha acontecido. Eu respondi que me lembrava de tudo, menos da parte em que caminhamos até a fonte.

– Isto não tem a menor importância na história – respondeu ele. Na televisão, um filme sobre alguma coisa relacionada com minas de carvão começava a passar. As pessoas vestiam trajes do início do século.

– Ontem, quando pressenti a urgência de seu Mensageiro, sabia que um combate no Caminho de Santiago estava para começar. Você está aqui para encontrar a sua espada e aprender as Práticas de RAM. Mas sempre que um guia conduz um peregrino, existe pelo menos uma circunstância que foge ao controle dos dois, e que é uma espécie de teste prático do que está sendo ensinado. No seu caso, foi o encontro com o cão.

“Os detalhes da luta e o porquê dos muitos demônios num animal, eu lhe explicarei mais adiante. O importante agora é você entender que aquela mulher já estava acostumada com a Maldição. Tinha aceito isto como se fosse uma coisa normal, e a mesquinhez do mundo lhe parecia algo bom. Aprendeu a satisfazer-se com muito pouco, quando a vida é generosa e quer sempre nos dar muito.

“Quando você expulsou os demônios daquela pobre velha, você também desequilibrou seu universo. Outro dia conversamos sobre as crueldades que as pessoas são capazes de cometer consigo mesmas. Muitas vezes, quando tentamos mostrar o bem, mostrar que a vida é generosa, elas rejeitam a idéia como se fosse coisa do demônio. Ninguém gosta de pedir muito da vida, porque tem medo da derrota. Mas quem deseja combater o Bom Combate, tem que olhar o mundo como se fosse um tesouro imenso, que está ali esperando para ser descoberto e conquistado.”

Petrus me perguntou se eu sabia o que estava fazendo ali, no Caminho de Santiago.

– Estou em busca da minha espada – respondi.

– E para que você quer a sua espada?

– Porque ela me trará o Poder e a Sabedoria da Tradição.

Senti que minha resposta não tinha lhe agradado completamente. Mas ele prosseguiu:

– Você está aqui em busca de uma recompensa. Ousa sonhar, e está fazendo o possível para transformar este sonho em realidade. Precisa saber melhor o que irá fazer com sua espada, e isto tem que ficar claro antes que cheguemos até ela. Mas uma coisa conta a seu favor: você está em busca de uma Recompensa. Só está fazendo o Caminho de Santiago porque deseja ser recompensado pelo seu esforço. Já notei que tudo que estou lhe ensinando, você tem aplicado, buscando um fim prático. Isto é muito positivo.

“Falta apenas que você consiga juntar as Práticas de RAM com a sua própria intuição. A linguagem de seu coração é que irá determinar a maneira correta de descobrir e manejar sua espada. Caso contrário, os exercícios e as Práticas de RAM vão se perder na sabedoria inútil da Tradição.”

Petrus já tinha me falado aquilo antes, de maneira diferente, e apesar de concordar com ele, não era isto que eu estava interessado em saber. Haviam acontecido duas coisas que eu não conseguia explicar: a língua diferente que falei, e a sensação de alegria e amor, depois de haver expulsado o cão.

– A sensação de alegria aconteceu porque seu gesto foi tocado por Ágape.

– Você fala muito em Ágape, e até agora não me explicou direito o que é. Tenho a sensação de que se trata de algo relacionado com uma forma maior de amor.

– É exatamente isto. Breve chegará o momento de experimentar este amor intenso, este amor que devora quem ama. Enquanto isto, fique contente em saber que ele se manifesta livremente em você.

– Eu já tive esta sensação antes, só que mais curta e de maneira diferente. Acontecia sempre depois de uma vitória profissional, de uma conquista, ou quando pressentia que a Sorte estava sendo generosa comigo. Entretanto, quando esta sensação surgia, eu me trancava e ficava com medo de vivê-la intensamente. Como se esta alegria pudesse despertar a inveja nos outros, ou como se eu fosse indigno de recebê-la.

– Todos nós, antes de conhecer Ágape, agimos assim – disse ele, com os olhos fixos na tela de TV.

Perguntei-lhe então sobre a língua diferente que eu havia falado.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "PREFÁCIO"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).